



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

ALAN NASCIMENTO RODRIGUES

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE
FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA**

CAMPINA GRANDE, PB

2019

ALAN NASCIMENTO RODRIGUES

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE
FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como parte das exigências para obtenção do título de especialista em Filosofia da Educação.

Área de concentração: Educação e Hermenêutica

Orientador: Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo (UEPB)

CAMPINA GRANDE, PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

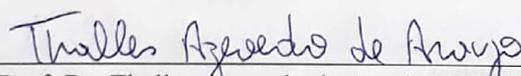
R696n Rodrigues, Alan Nascimento.
Nietzsche e a educação [manuscrito] : considerações sobre o ensino de filosofia numa perspectiva da estética da existência / Alan Nascimento Rodrigues. - 2019.
48 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo , Departamento de Filosofia - CEDUC."
1. Subjetividade moderna. 2. Ensino de Filosofia. 3. Existência. 4. Estética. I. Título
21. ed. CDD 107

ALAN NASCIMENTO RODRIGUES

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE
FILOSOFIA NUMA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Educação do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como parte das exigências para obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

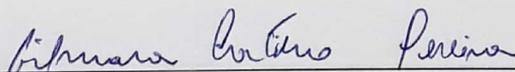
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo (UEPB)
Orientador



Prof. Dr. Valmir Pereira (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Gilmara Coutinho Pereira (UEPB)

CAMPINA GRANDE-PB

13/06/2019

“Quem perde o respeito por si mesmo, já não pode mais, também como homem do conhecimento, comandar, conduzir. A menos que quisesse converter-se em grande mentiroso.”

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

O presente artigo ocupar-se-á em trazer algumas considerações filosóficas sobre Friedrich Nietzsche (1844-1900) e o ensino de filosofia, baseando-se na análise da obra “Escritos sobre educação” (2012) e comentadores. Entendemos, inicialmente, que o ensino que tome a perspectiva filosófica nietzschiana deverá levar o indivíduo a intervir autonomamente na vida, a fim de transformar uma existência niilista em existência afirmativa de vida ativa, em que se abra espaço para a vontade de potência. A partir da análise da referida obra e de outros escritos do autor, perguntamos: como é possível criarmos as condições de possibilidade à educação e ensino de filosofia que conceba o pensamento nietzschiano como fundamento teórico-metodológico? Para respondermos a essa questão deveremos apresentar uma discussão sobre a crítica de Nietzsche à Modernidade, que com seu apelo à razão, acaba por desconsiderar a possibilidade construtiva de vida autêntica (Dionisiaca), alegre e criativa. Em meio a uma sociedade que opta por fortalecer uma cultura que inibe, ignora e domestica o espírito humano, Nietzsche propõe o fortalecimento de uma cultura elevada (aristocrata), não jornalística e que retome os verdadeiros valores. A presente investigação deverá nos levar a compreender que o filósofo assume uma “perspectiva estética” em que, pela transvaloração dos valores, o homem passa a estar no mundo significativamente: nesse sentido o “homem-velho” deverá dar lugar ao “além-homem” de “espírito-livre”, capaz de dizer “sim” à vida e encarar o diferente como reafirmação de si. Não nega o “não-eu”, acolhe-o. Por fim, objetivamos concluir o presente estudo a partir da análise da obra citada, indicando que o ensino de filosofia no Ensino Médio deverá promover o desenvolvimento das potencialidades individuais e capacidades humanas para uma vida questionadora, ativa e criativa, para que se evite uma existência domesticada comprometida com a cultura de massa (instinto de rebanho).

Palavras-chave: Nietzsche. Subjetividade moderna. Ensino de Filosofia. Existência.

RÉSUMÉ

Le présent article s'attachera à apporter quelques considérations philosophiques sur Friedrich Nietzsche (1844-1900) et l'enseignement de la philosophie, sur la base de l'analyse de l'ouvrage *Ecrits d'éducation* (2012) et de ses commentateurs. Nous comprenons d'abord que l'enseignement qui adopte la perspective philosophique nietzschéenne devrait amener l'individu à intervenir de manière autonome dans la vie, afin de transformer une existence nihiliste en une existence affirmative de vie active, dans laquelle un espace pour la volonté de puissance est ouvert. À partir de l'analyse de ce travail et d'autres écrits de l'auteur, nous posons la question suivante: comment pouvons-nous créer les conditions de possibilité pour l'éducation et l'enseignement de la philosophie qui conçoivent la pensée nietzschéenne comme un fondement théorico-méthodologique? Afin de répondre à cette question, nous devons présenter une discussion de la critique de Nietzsche sur la modernité, qui, avec son appel à la raison, finit par négliger la possibilité constructive d'une vie authentique (dionysiaque), joyeuse et créatrice. Au sein d'une société qui choisit de renforcer une culture qui inhibe, ignore et apprivoise l'esprit humain, Nietzsche propose le renforcement d'une culture élevée (aristocratique), non journalistique et qui reprend les vraies valeurs. La présente enquête devrait nous faire comprendre que le philosophe assume une "perspective esthétique" dans laquelle, par la transvaluation des valeurs, l'homme se trouve être de manière significative dans le monde: en ce sens, le "vieil homme" devrait céder la place au " "D'un" esprit libre ", capable de dire" oui "à la vie et d'affronter les différents comme une réaffirmation de soi. Il ne nie pas le "non-soi", se félicite. Enfin, nous visons à conclure la présente étude de l'analyse du travail mentionné, en indiquant que l'enseignement de la philosophie au lycée devrait favoriser le développement des potentialités individuelles et des capacités humaines pour une vie interrogative, active et créative, de manière à éviter toute existence. domestiqué engagé dans la culture de masse (instinct de troupeau).

Mots-clés: Nietzsche. Subjectivité moderne. Enseignement de la philosophie. Existence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. A CRÍTICA GENEALÓGICA DE NIETZSCHE À CULTURA MODERNA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRISE DOS VALORES E A EDUCAÇÃO.....	13
1.1. O contexto da educação nos estabelecimentos de ensino da Alemanha do século XIX	17
1.2. Sobre a crítica nietzschiana ao sistema de ensino alemão, mais especificamente ao ginásio, à escola técnica e à universidade.....	22
1.3. Nietzsche, a superficialidade da cultura moderna e o papel da educação.....	24
2. A EDUCAÇÃO COMO JUSTIFICAÇÃO DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE.....	28
3. O GÊNIO E O ALÉM-DO-HOMEM COMO EXPRESSÃO ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA.....	32
3.1. Nietzsche pensa a educação como colaboradora de outra cultura, a do “cultivo de si”.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

O presente estudo diz respeito a uma investigação sobre o ensino de Filosofia numa “perspectiva estética”¹, que buscaremos desenvolver a partir do pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Para isso, nos debruçaremos um pouco sobre a obra *Escritos sobre Educação* (2012)² e outros escritos do pensador, bem como sobre o que diz alguns comentadores de sua obra. Buscaremos, pois, compreender como o pensador pode contribuir com o ensino de Filosofia no Ensino Médio. Compreendemos, pois, que o pensamento nietzschiano pode contribuir como uma forma de ensino capaz de oportunizar uma problematização criativa dos conceitos filosóficos, devendo promover potencialidades individuais tanto do professor de Filosofia como nos alunos da Educação Básica.

Nesse sentido, a história da Filosofia pode ser usada como referência e, a partir dela, buscar trabalhar com os estudantes o saber filosófico, para se entender os meandros por vezes castradores da cultura na qual estamos inseridos; criando condições, através da arte, para potencialização da capacidade criativa do aluno para que, assim, ele sejam capazes de repensar outras formas de existir, outros modos de estar no mundo. Compreendemos que, embora o ensino não tenha sido campo de reflexões filosóficas do autor, Nietzsche ajuda-nos a conceber a experiência de ensinar filosofia como atividade que visa a educação para a vida.

Para Nietzsche, o ato de filosofar é um exercício de liberdade que se enraíza na vida (ACOSTA, 2017). Não devendo haver uma separação entre o que é específico de um mundo metafísico, que nos garantiria a plenitude da potencialidade humana (tal como pregado pelos cristãos), e um mundo terreno, o qual não teria quase nada a oferecer-nos e, por isso, praticamente relegado em detrimento do outro (um mundo eterno no qual toda potencialidade humana alcançaria seu ápice). É no mundo da cultura humana que se estabelecem as relações e a existência humana só pode ser significativa nele. Assim, Nietzsche opera uma crítica aos

¹ Segundo Cheron & Perius (2012), esse sentido de uma educação estética parte-se da problemática concernente aos fundamentos da estética apresentados pelo filósofo [Nietzsche], em que é possível encontrarmos a compreensão de estética como afirmação da existência a partir de um contexto que utiliza a sensibilidade como percepção intuitiva criadora. Em sua obra *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche não tem dúvidas ao defender que é possível transformar a arte trágica em existência afirmativa da vida: “[...] só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificarem-se eternamente” (NIETZSCHE, 1992, p. 47).

² *Escritos sobre Educação* é o título da coletânea publicada no Brasil composta de textos das seguintes conferências: “Sobre o futuro dos estabelecimentos de ensino” (I parte); “III Intempestiva: Schopenhauer educador” (II parte) e os “Anexos” (III parte), que envolvem um conjunto de fragmentos póstumos e aforismos os quais Nietzsche compôs ao longo da sua vida.

pressupostos da cultura, da religião, da ciência moderna e da filosofia, colocando o homem e sua capacidade de decisão, de experiência existencial, como fator importante do fazer-se humano. “O destino da cultura, o futuro do ser humano na história, sempre foi sua obsessiva preocupação. Por causa dela, submeteu à crítica todos os domínios vitais de nossa civilização ocidental [...]” (GIACÓIA, 2000, p. 6). É esse olhar crítico à filosofia, à cultura moderna, que vai se fazer presente no que Nietzsche pensa e descreve como sendo o papel da educação. Segundo Juraski (2012, p. 52), ao considerar os primeiros escritos nietzschianos, observa que: “O filósofo [Nietzsche] tem preocupação nesses primeiros anos de produção, a educação como formadora e difusora da cultura. Seus textos enfatizavam a importância que a ‘cultura clássica’ deveria ter para o homem, em contra posição ao que denominou cultura jornalística e imediata.”

As reflexões acerca da crítica de Nietzsche às instituições educacionais do seu tempo, revelam como tais estabelecimentos de ensino eram extremamente nefastos, pois contribuíram para a massificação e mediocrização da população, produzindo uma “barbárie cultivada” (ACOSTA, 2017, p. 182). Esse posicionamento revela o quanto Nietzsche estava atento à vida em seu contexto social: não somente pelos temas que povoam sua filosofia neste momento (década de 1870), mas, também, pela proposta filosófica que convida a repensar a atividade filosófica a partir da imersão nos meandros do que significa existir historicamente.

Entendemos, portanto, que um dos principais pontos a ser abordado na presente investigação será indicar no pensamento filosófico de Nietzsche considerações que nos possibilite compreender a educação e o ensino como reafirmadores e promotores, por assim dizer, da existência como fenômeno estético, ou seja, o pensamento filosófico como promotor da estética da criatividade que visa o desenvolvimento do gênio. O gênio que procura efetivar a existência como fenômeno estético (busca a superação do velho homem pelo além-homem criando e recriando valores). Para entendermos, a partir de Nietzsche (2004, § 548, p. 273, grifos do autor), sobre esse fazer artístico temos o que se segue:

E, assim, talvez o mais belo continue a se dar na escuridão, afundando, apenas nascido, na noite eterna – ou seja, o espetáculo daquela força que um gênio não emprega em obras, mas em si como obra, isto é, na sua própria dominação, na depuração de sua fantasia, na escolha e ordenação do afluxo de tarefas e ideias.

Sobre o gênio na obra *Escritos sobre educação*, Nietzsche (2012a, p. 71) diz o seguinte:

Tu o pensaste bem, vejo bem. Mais ei aí o traço da indignidade da nossa cultura atual. Democratiza-se os direitos do gênio para suavizar o trabalho que exige uma formação, para arrefecer a carência pessoal de cultura. Todos preferem se instalar, tanto quanto possível, à sobre que o gênio plantou. E desejariam se subtrair à dura necessidade de trabalhar para o gênio, para tornar possível o seu surgimento.

Para Nietzsche, interessa o ato criativo capaz de criar valores e possibilidades novas e não a arte acabada simplesmente como representação de um ideal de beleza (MARTINS, 2011). A vida como fazer-se estético é, pois, entendermos a existência como possibilidade de criação de valores a partir de um posicionamento autônomo e crítico sobre a/na existência: sem subterfúgios criados pela cultura platônico-cristã. Portanto, com o estudo pormenorizado do pensamento nietzschiano, podemos entender como pode acontecer o ensino de Filosofia a partir da relação entre filosofia e vida, a qual deve ser tomada como responsabilidade de cada indivíduo em sua formação. E, assim, favorecer o aspecto problematizador do aluno, bem como a atitude crítica frente aos valores estabelecidos na cultura do seu tempo, o século XXI.

O desenvolvimento do gênio também pode passar pelo ensino de Filosofia. Isso porque significa, nas palavras de Nietzsche (2012a, p. 71): “[...] riqueza transbordante para viver com suas próprias forças, e viver para todos.” E, segundo o autor, é específico do viver dos filósofos: pertencente, por assim dizer, ao pequeno grupo daqueles que são privilegiados de a detê-la preservada em seu coração. Para Nietzsche (2012a, p. 71), “[...] a maioria dos homens luta para adquirir cultura, trabalha pela cultura, aparentemente no seu próprio interesse, mas no fundo unicamente para permitir a existência de um pequeno número.”

A partir da obra de Nietzsche, é possível entendermos que a tarefa pedagógica consiste em ensinar o “além-homem”, como “sentido da terra”, como superação da condição niilista, da decadência da cultura moderna, tal como está indicado em Zaratustra:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. [...] o super-homem é o sentido da terra! Eu vos rogo, meus irmãos, permaneceis fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam. Para isso é preciso desmascarar o niilismo presente nos ideais platônicos de esperanças ultraterrenas! Envenenadores são eles, que saibam ou não. (NIETZSCHE, 2005, p. 36).

Esse movimento deverá superar a leitura erudita da história da Filosofia, devendo ser oportunizada outras reflexões possíveis em que os alunos assumam maior protagonismo: “Dialogando com o texto filosófico da tradição, mas indo para além das ideias e dos conceitos ali propostos” (ACOSTA, 2017, p. 193). Afastando-se de um movimento filosófico jornalístico, erudito e tecnicista em que o estudo apenas seja mero reprodutor de ideias e não criador delas. A Filosofia e com ela o filósofo deverá, pois, cuidar para não reforçar os problemas da cultura e da educação indicadas por Nietzsche: uma cultura que perde-se quando é obrigada a estender-se em escalas universalizantes, fazendo-a perder em qualidade e “[...] abandonar suas ambições mais amplas, mais nobres, mais sublimes e que se ponha humildemente à serviço não importa de que outra forma de vida, do Estado, por exemplo.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 72).

Nietzsche faz menção a uma falsa cultura que reduz sua importância aos aspectos relacionados a utilidade comercial, em que a pessoa humana passa a valer pelo que produz, reduzindo, assim, a felicidade à satisfação de necessidade pelo que o dinheiro é capaz de comprar. “A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão ‘correntes’ quanto possível, um pouco no sentido em que se fala de uma “moeda corrente.”” (NIETZSCHE, 2012a, p. 73). Assim, vê-se os estabelecimentos de ensino alemães voltados para uma educação mercadológica, que visa a formação de especialistas para o mercado de trabalho; tal cultura, segundo Nietzsche, quando apropriada pelas massas acaba por provocar frustrações, pelo seu caráter esvaziado de sentido forma pessoas incapazes de admitir qualquer respeito para com outrem: essa cultura mais extensa e universal é exatamente a barbárie.

A Filosofia não deverá ser restrita a um saber erudito, ou seja, especializado, capaz de reconhecer um único saber ao qual dedica-se toda à vida a garimpar aquele mesmo veio. Segundo Nietzsche (2012a, p. 77), “[...] é no jornal que culmina o desígnio particular que nossa época tem sobre a cultura: o jornalismo, o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre daquele que livra do momento atual.” O jornal seria, neste contexto, um exemplo do tipo de saber que se dá em torno da cultura; representaria o espaço de manifestação daquilo que Nietzsche chama de mero “pensamento-de-cultura” e “sentimento-de-cultura”. Porquanto, a cultura ampliada, a cultura especializada e a cultura jornalística se completam para formar uma só e mesma incultura.

O ensino de Filosofia, segundo a perspectiva nietzscheana, compreende a educação como processo em que se deve convidar o estudante a cultivar a existência autêntica, ou seja, a existência em que a pessoa humana não é somente um ser racional, mas relacional e afetivo. Sobre o propósito da filosofia na formação dos jovens, Nietzsche (2012a, p. 68) salienta nos seguintes termos: “Imitem pelo menos hoje os pitagóricos, que tinham de se calar durante cinco anos, porque serviam uma filosofia autêntica – talvez vocês devam fazer o mesmo durante cinco quartos de hora, para servir à sua futura formação, com a qual vocês se preocupam de maneira tão urgente.” Essas são palavras do velho filósofo, personagem descrito por Nietzsche na primeira conferência do texto *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*.

Na referida conferência é importante notarmos que os jovens desejam continuar vigilantes quanto a sua formação, que buscava fortalecer seus conhecimentos de uma cultura genuína, que significava ir além da formação oferecida pelo Estado. O grupo, assim, buscava a formação de um espírito contemplativo, por isso, a conferência relata a experiência de sair para lugares ermos com a finalidade de se cultivar a amizade e exercitar a prática de esporte (tiro ao

alvo no caso descrito por Nietzsche). E, assim, permanecer em vigilância mútua. Essa vigília resumia-se basicamente em criar afeição pela leitura literária e pela arte; pela prática da escrita e cultivo para uma cultura elevada que, por sua vez, encontra seu modo mais justo de expressão na filosofia. Disso decorre, pois, o encontro dos jovens com o velho filósofo. Tal afirmação evidencia quando os jovens fazem o seguinte questionamento:

Um sentimento próximo ao furor apoderou-se de nós. Para que serve toda a filosofia, pensávamos, se ela impede mesmo que nos tornemos filósofos? Pois acreditamos que nossa festa comemorativa era realmente a natureza filosófica: queríamos aí fazer projetos e planos sérios para a nossa existência futura; esperávamos encontrar na reflexão solitária algo que formasse a apaziguasse no futuro o mais íntimo da nossa alma, como o tinha feito antes a atividade criadora dos nossos anos de adolescência. (NIETZSCHE, 2012a, p. 65).

Fazer filosofia, por assim dizer, será comprometer-se com a superação de uma existência acomodada, reforçadora de uma cultura inútil e, portanto, transformar a existência em afirmação da vida criativa, ativa e potencializadora do indivíduo. Nas palavras de Zuben & Júnior (2018, p. 17), o ensino de Filosofia deverá ser “[...] o convite nietzschiano ao sujeito para tornar-se o que se é, propõe a este ser autor de si, criador de si e da própria vida tendo em vista um reconhecimento de si em direção a um pleno e constante tornar-se, pois o sujeito é este que somente ele é quem pode construir-se no fluxo da vida.”

Partindo das considerações acima, buscaremos responder a seguinte questão: como é possível criar as condições de possibilidade para o ensino de Filosofia que conceba a arte e a vida como interdependente? Como pensar o ensino de Filosofia que parta da consideração de que “[...] a vida é uma obra de arte”? (NIETZSCHE, 1992, p. 25). Isto é, como pensar o ensino do saber filosófico tendo por fundamentação teórica o pensamento de Nietzsche, que defendia os pressupostos de uma educação do homem sob os ideais da cultura da Grécia Clássica, frente a cultura produzida pelos ideais da modernidade (cientificismo, tecnicismo, racionalismo.)? O que significa pensar o ensino de Filosofia tal como Nietzsche concebe em *Escritos sobre educação*, quando entende que “[...] os currículos escolares deveriam ser concebidos, por um lado, tomando por exemplo a cultura clássica, que se baseia primeiramente na afirmação da necessidade de filosofia e arte.” (SOBRINHO, 2011, p. 17 apud JURASKI, 2012, p. 56).

Uma resposta possível para a questão posta pode estar presente na obra *Escritos sobre Educação* (2012), que indica que o ensino deverá promover uma educação filosófica problematizadora, crítico-filosófico e criativa, o que pressupõe que a Filosofia não esteja somente à serviço do Estado, mas que ofereça condições para a formação do gênio e não do especialista. Segundo Nasser (2012), o gênio que encontra correlato no “espírito-livre” e “além-

do-homem”, que poderá deixar entrever o papel do ensino de Filosofia e da educação numa perspectiva nietzschiana. Neste sentido, Nasser (2012, p. 296) explica que:

O êxito dessa sociedade voltada para o gênio dependeria da competência das instituições de cultura e ensino (*Bildung*). Antes de tudo, seria preciso descobrir o gênio e desenvolver um sistema de “castas intelectuais” que os separassem dos não-gênios. Estes seriam educados para aprender a obediência e a modéstia, o conhecimento moderno o conhecimento correto dos limites de seus ofícios, e também seriam instruídos a coletar material para os gênios. Todo esse edifício cultural proposto por Nietzsche se serviria da arte como ferramenta pedagógica. O filósofo pensa numa “educação estética da humanidade”, em grande medida inspirada nas tragédias gregas. Atento aos ensinamentos de Schiller — um de seus mestres na juventude —, Nietzsche elege o teatro, nomeadamente o drama musical, como forma de aprimoramento “ético-político”. A função educativa da tragédia antiga é reeditada, no sentido de conservar sua ambição de suscitar a vinda dos gênios.

Para Cheron & Perius (2012, p. 3), o ensino deverá passar necessariamente pela arte: por possuir um caráter impulsivo, “pulsional”, por meio do qual o ser humano pode encontrar o verdadeiro caminho para a afirmação existencial e superação da utilização técnica da razão, que historicamente apresenta a arte como mercadoria. É assim que, visando aprofundar essa compreensão de ensino acima, buscaremos desenvolver o presente trabalho investigativo.

Para tal, mediante análise de algumas obras nietzschiana, tais como *Genealogia da Moral* (2012), *O nascimento da tragédia* (1992) e *Escritos sobre educação* (2012), assim como de outros textos buscaremos: i) indicar que o pensador, ao criticar o sistema de pensamento moderno (Apolíneo), coloca-nos a problemática da possibilidade de se construir uma vida autêntica (Dionisíaca), alegre e criativa, em meio a uma sociedade que domestica o espírito humano. Entender, com Nietzsche, ii) que devermos superar uma existência conformada à cultura moderna, que promove, por conseguinte, a cultura da barbárie; baseada numa concepção fragmentada de existência, em que o ser humano não desenvolve suas potencialidades naturais. Por fim (iii), reconhece-se que Nietzsche assume uma “perspectiva estética” de estar no mundo, em que o “homem-velho”, ou seja, o homem forjado pela cultura niilista na modernidade, deverá dar lugar ao “super-homem”, ou ao “gênio”, e crie condições de possibilidade para o desenvolvimento do “espírito livre”. A Filosofia, assim, deverá promover o desenvolvimento das potencialidades individuais e capacidades humanas e não o seu apequenamento.

1. A CRÍTICA GENEALÓGICA DE NIETZSCHE À CULTURA MODERNA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRISE DOS VALORES E A EDUCAÇÃO

No § 4 do Prólogo da *Genealogia da moral*, Nietzsche nos apresenta inicialmente o modo de análise dos juízos morais, a genealogia, isto é, Nietzsche aborda a origem histórica dos valores e da valoração dos valores. Mas também, ressalta que as discussões que ele propõe advêm do seu contato com o pensamento do autor Paul Rée (1849-1901), na obra *A origem das impressões morais* (1877). Segundo o pensador alemão, os valores aos quais valoramos – o não-egoísmo, instintos de compaixão, abnegação, sacrifício – e divinização da razão nos faz incorrer numa vontade que nega a vida e conseqüentemente nos leva ao nada (nihilismo). Sobre esse valor dos preceitos morais como “valores em si”, Nietzsche (2007, p. 11) alerta-nos dessa forma: “[...] precisamente nisso enxerguei o começo do fim, o ponto morto, o cansaço que olha para trás, a vontade que se volta contra a vida.” Nietzsche faz um diagnóstico em que constata o nihilismo histórico. Ele surge como expressão da vontade de nada. O sentido teleológico consiste na negação do sentido histórico e, conseqüentemente, na idolatria do não-sentido, do nada de sentido, que, em última instância, expressa uma vontade de morte, corolário do ascetismo.

Olhando de forma cética para a cultura europeia, Nietzsche entende que o “valor da compaixão” é a causa de uma cultura moribunda, nutridora de espíritos fracos. O pensador indica no Prólogo da *Genealogia* que é preciso desconfiar, nos seguintes termos:

[...] mas quem neste ponto se detém, quem aqui pretende questionar, a este sucederá o mesmo que ocorreu a mim – uma perspectiva imensa se abre para ele, uma nova possibilidade dele se apodera como uma vertigem, toda espécie de desconfiança, suspeita de temor salta diante, cambaleia a crença na moral, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão” (NIETZSCHE, 2007, p. 12).

Colocar esses valores em questão é observar as condições em que foram criados, modificados e desenvolvidos. Entender os pressupostos que tornam os valores como valores. Reconhecer que os valores podem ser causa de doença, inibição, mas também veneno para a cultura, para a religião, ciência, estética e educação. O pensador tenciona entender, portanto, como “tomava-se o valor desses ‘valores’ como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento” (NIETZSCHE, 2007, p. 12). Para compreender, assim, o que tem corroído a cultura europeia à medida que tem produzido sujeitos submissos aos valores plebeus.

Preocupa ao filósofo o *plebeísmo* que se tornou expressivo na cultura europeia moderna (NIETZSCHE, 2007). Plebeísmo que, segundo Nietzsche, se caracteriza pela supervalorização de ideias primitivos de organização social, tal como expresso pelo socialismo europeu à época

– que significa “[...] principalmente um gigantesco atavismo” (NIETZSCHE, 2007, p. 23); bem como no ideal asceta dos sacerdotes que prendem os homens em debilidades vãs, ou seja, que conduzem energias e potencialidades para o nada. Segundo Nietzsche (2007, p. 25): “[...] somente no âmbito de forma essencialmente perigosa de existência humana, a sacerdotal, que o homem se tornou um animal interessante, apenas então a alma humana ganhou profundidade num sentido superior, e tornou-se má.” Ou seja, a alma humana não vista como lugar de potencialidades positivas para a vida conforme ideais nobres e aristocráticos (cavalheiresco-aristocráticos), mas como lugar do ressentimento pelo qual o homem enxerga em si o mal a ser combatido, a saber: sua vontade de potência.

A moral sacerdotal concebe a *alma*³ como potencialmente má, que precisa, portanto, de longos retiros para sua purificação; disso decorrem práticas de penitência do corpo (jejuns, abstinência sexual, retiro em desertos) numa busca de refrear os instintos naturais inscritos no homem e que lhe faz vivo, criativo e autoexistente. A alma como algo a ser combatido, causa do afastamento do indivíduo do seu ideal de perfeição – o próprio autor cita o nirvana como exemplo para os budistas e a salvação eterna para os cristãos. Em contraposição a esse pensamento, Nietzsche (2007) entende que subjaz os valores cavalheirescos-aristocráticos. Segundo o pensador, esses valores têm como pressupostos uma constituição física e espiritual poderosa, conservadas por atividades que as aperfeiçoam: atividades essas que envolvam dança, guerra, e tudo que incorpore uma prática robusta, livre e contente (NIETZSCHE, 2007).

Segundo Nietzsche, paira sobre a subjetividade da modernidade uma moral ressentida, tal como caracterizada acima com todos aqueles pressupostos citados. Essa moral do ressentimento gera valores que se baseiam não em atos, mas em reações, negação do outro, ou seja, a reação como ato de negação do que não é idêntico a si mesmo (a um não-eu). O “Não” é ato gerador da moral do ressentimento. “Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação” (NIETZSCHE, 2007, p. 29).

Quanto a moral nobre, ato criador pelo “Sim”, Nietzsche vai dizer que ela encara o diferente como reafirmação de si. Não nega o “não-eu”, acolhe-o. A imagem do outros não a

³ É importante notar que Nietzsche não entende a alma como um outro eu que nos move na existência, fazendo o corpo ganhar vida. Essa visão seria o resultado do que ele chama de “interiorização do homem”. Que ocorre quando os instintos não são descarregados para fora de nós, então eles voltam-se para dentro de nós, produzindo a ideia de alma. É assim que o homem denomina ter alma, segundo Nietzsche. (2007, II §16, p. 73).

ameaça, mas, ao contrário, faz compreender o quanto a sua moral o diferencia dos outros, do homem comum. A moral nobre reconhece-se e alegra-se pelo lugar que ocupa em relação ao que lhe é estranho, sem com isso desejar a aniquilação do que lhe é diferente.

O homem da moral nobre toma uma posição ativa diante da vida, encara a felicidade como algo a ser construída, enquanto a felicidade para o ressentido é sinônimo de fuga, de subterfúgios, entorpecimento, ou seja, a busca pela felicidade mediante uma situação de passividade na construção de momentos felizes. O homem nobre busca mais insistentemente o equilíbrio do espírito, de modo que até mesmo seus instintos mais imprevisíveis sejam bem regulados. Porque até mesmo sobre aqueles instintos mais abruptos (raiva, ressentimento, vingança), o homem nobre consegue vivenciá-los sem deixar-se envenenar e ser tomado completamente por eles. É neste sentido que o homem da moral nobre é livre.

O problema da moral para Nietzsche se mostra importante porque os valores parecem ser decisivos quanto ao tipo de homem que a sociedade busca conservar: se o tipo de homem que alcança o “supremo brilho e potência”, ou o tipo de homem doentio, embebecido pela moral da compaixão em que sua vontade se volta contra a vida. É nesse sentido que Nietzsche vai investigar o valor do “bem” e do “mal”, pois são pressupostos morais que indicam como a cultura europeia foi forjada; para além de uma investigação dos termos em si, o pensador estuda genealogicamente a moral visando entender a relação dos valores e as consequências na cultura e, conseqüentemente, na formação do homem na sua contemporaneidade.

Como pudemos mostrar, o projeto genealógico da crítica da cultura moderna, a partir de Nietzsche, exige tomar como ponto de partida o diagnóstico do colapso da moderna subjetividade, sua meditação sobre a crise dos valores, nos faz refletir sobre o niilismo que corrói todas as esferas da cultura, da religião à ciência, da estética à educação. Habermas, em seu *O discurso filosófico da modernidade*, por exemplo, vê o ingresso de Nietzsche no cenário da modernidade como um ponto de inflexão que estabelece o enquadramento em que se explica como se geram as ficções de um mundo do ente e do bem, como também as identidades “[...] aparentes dos sujeitos cognoscentes e moralmente atuantes, como se constitui com alma e autoconsciência uma esfera de interioridade, como a metafísica, a ciência e o ideal ascético alcançam a dominação” (HABERMAS, 2010, p. 104). Desse modo, Nietzsche constata a “doença histórica” na qual está imersa a subjetivada da cultura moderna.

Nietzsche fala de “doença histórica” para ressaltar que o excesso de consciência historiográfica que ele considera como típico do século XIX é também, inevitavelmente, uma

incapacidade para criar uma história própria, ou seja, o anormal interesse pela ciência das coisas passadas. A pureza e a natureza da relação entre a vida e a história, que Nietzsche defende existir na arte trágica dos gregos, esgotou-se por causa da exigência de que a história seja ciência (filisteus da cultura). O tipo de criatividade histórica que Nietzsche procura descrever é caracterizado por um equilíbrio entre a inconsciência e a consciência, entre a pura resposta às exigências da vida e a reflexão “objetiva” (que “pensa, repensa, compara, separa, une...”: as funções da “razão”). Nietzsche aborda o espírito da modernidade do seguinte modo:

Formemos agora uma imagem do evento espiritual que se produziu, com isso, na alma do homem moderno. O saber histórico jorra de fontes inexauríveis; sempre de novo e cada vez mais; o que é estrangeiro e desconexo entre si se aglomera; a natureza se esforça ao extremo para colher esses hospedes estrangeiros, ordená-los e honrá-los, mas estes mesmo estão em combate entre si, e parece necessário dominar e vencer todos eles, para não perecer, ela mesma, nesse combate entre eles. O hábito a uma tal vida doméstica desordenada, tempestuosa e combatente, torna-se pouco a pouco uma segunda natureza, embora esteja fora de questão que essa segunda natureza é muito mais fraca, muito mais intranquila e em tudo menos sadia do que a primeira. O homem moderno acaba por arrastar consigo, por toda parte, uma quantidade descomunal de indigestas pedras de saber, que ainda, ocasionalmente, roncam na barriga, como se diz no conto. Com esses roncos denuncia-se a propriedade mais própria desse homem moderno: a notável oposição entre um interior, a que não corresponde nenhum exterior, e um exterior, a que não corresponde nenhum interior, oposição que os povos antigos não conhecem (NIETZSCHE, 1983, p. 62).

Segundo Nietzsche, a cultura moderna não é assim uma cultura viva e efetiva, mas uma espécie de saber. Para Nietzsche, o que se faz na modernidade é uma cultura racionalista, que não se exterioriza de fato. Isso porque a cultura é um processo criativo que se renova, sempre e de novo reafirmando-se, mas sempre de maneira criativa. São homens cultos que tem uma cultura histórica, ou seja, somos inundados de informações, costumes, filosofias, que nos tornam enciclopédias. A cultura está demasiadamente cheia de erudição que não propõe perspectivas criativas do futuro, mas somente a repetição do mesmo. Segundo Nietzsche (1983, p. 63): “[...] por trás do impulso histórico não atua nenhum impulso construtivo.”

A cultura histórica realiza uma mecanização do homem, isto é, ele passa a relacionar-se consigo e com os demais desconhecendo-os, e tentando anular a sua subjetividade. Ele se resume a uma razão calculista que age maquinalmente: “[...] talvez como máquinas de escrever, de pensar e de falar” (NIETZSCHE, 1983, p. 63). Essa perda da subjetividade humana em detrimento de uma objetividade, torna o homem um simulacro de si mesmo, incapaz de significar sua existência de maneira completa, ou seja, a vida para além do que a razão ou o intelecto é capaz de conceber – segundo Nietzsche, são somente capazes de erudição os homens da cultura moderna. “Nesses efeitos, a história é o oposto da arte: e somente quando a história

suporta ser transformada em obra de arte e, portanto, tornar-se pura forma artística, ela pode talvez conservar instintos ou mesmo despertá-los.” (NIETZSCHE, 1983, p. 65).

Diante desse contexto historiográfico da cultura, em que o homem culto é valorizado, o homem é despido de sua humanidade e revestido unicamente de racionalidade. Nesse sentido, Nietzsche (1983, p. 61) faz a seguinte observação: “Admitamos que alguém acredite que não seria preciso mais do que cem homens produtivos, educados e atuantes em um novo espírito, para dar cabo do eruditismo que precisamente agora se tornou moda na Alemanha”. Nietzsche pensa, portanto, ser possível retomar gestos, modos e formar homens inspirados na cultura greco-romana, não como repetição desse passado, mas como novidade na medida em que se resgate as condições de possibilidade para a formação da cultura daqueles homens. “Aquele pequeno povo bem conhecido, de um passado não demasiado distante: refiro-me justamente aos gregos, havia preservado em si, no período de sua máxima força, um sentido a-histórico.” (NIETZSCHE, 1983, p. 63).

Em tal perspectiva assumida acima pelo pensador alemão, podemos perceber melhor a questão da educação erudita em *Escritos sobre educação*. Nessa obra, Nietzsche defenderá a educação ginásial e universitária voltada para a aquisição da cultura autêntica, própria das grandes civilizações como considerava ser a greco-romana. A educação defendida pelo filósofo atenta à criatividade, à autonomia e ao fortalecimento da cultura alemã. Os estabelecimentos de ensino não estão alheios, segundo o pensador, ao contexto decadente no qual se encontra a sociedade europeia. Mas são instrumentos de disseminação e reprodução da cultura erudita a qual Nietzsche faz duras críticas, e observa ser preciso repensá-la.

1.1. O contexto da educação nos estabelecimentos de ensino da Alemanha do século XIX

É desse modo que Nietzsche irá denunciar o contexto da educação nos estabelecimentos de ensino da Alemanha do século XIX. Os ginásios que, segundo ele, eram lugares de formação cultural, mas que “sofrem por desvios de tendência”: os ginásios estavam como que a serviço da disseminação da decadência cultural. A pedagogia é pobre porque não percebe a importância do que Nietzsche chama de “talento inventivo”, quando deveriam conceber como fundamental a prática, mas, também, a capacidade de desenvolver ideias boas (a criatividade). Essa parece ser a receita de genialidade esquecida pelos ginásios do tempo do filósofo.

Para Nietzsche, a essência fundamental do ginásio é a formação cultural, tendo na universidade seu momento culminante. Aos jovens “nobremente dotados” é que deveriam fortalecer sua educação cultural de modo mais efetivo: estudando a língua, pois é com a língua que se verifica a importância que se atribui à arte. “Aquele que não chega ao sentimento de um dever sagrado para com ela, este não tem mais em si o germe que convém à cultura superior” (NIETZSCHE, 2012a, p. 81). A língua, para Nietzsche, é o termômetro pelo qual se verifica como valorizamos a cultura autêntica e seus pilares: a língua (alemã); a arte (os poetas) e o povo/civilização alemã.

É preciso, pois, apurar o espírito desde o trato com a língua alemã. Segundo Nietzsche (2012a, p. 81): “É aqui que se pode ver o valor e que desprezo vocês atribuem à arte, aqui, no manejo da sua língua materna.” É preciso reconhecer inicialmente a beleza da língua, ou reconhecer esse lugar de pertencimento que a língua e os clássicos podem oferecer. Por isso, Nietzsche compreende a importância de se ensinar também os clássicos que expressam com primazia a língua alemã. O artístico da língua é percebido e desenvolvido nos alunos na medida em que o ensino da língua seja mediado por vias significativas: em que os alunos possam usá-los (a gramática e os poetas) para formular seus próprios meios de pensar, não reproduzir, mas recriar. A cultura autêntica para Nietzsche não seria resultado do acaso, mas do exercício mediado pelos melhores exemplares da cultura na qual os alunos estão imersos. Isso seria, de certa maneira, formar para a cultura e não simplesmente para a erudição.

Entende-se, nesse sentido, que o papel primordial é formar para a cultura, mas Nietzsche evidencia que o sistema de ensino alemão tem formado para a erudição, quando não, formado unicamente para o jornalismo: a forma cultural, a erudição e o jornalismo são modos distintos de se lidar com o conhecimento (da língua alemã, no caso). Nesse contexto, trata-se da erudição histórica com que se estuda a língua como uma coisa morta, a qual passa a ser analisada sem se fazer nenhuma relação com o presente ou com o futuro. É a análise pela análise mesma: a língua como um corpo de investigação que encerra em si seu campo de verificação. Quanto à erudição, trata-se na formação enciclopédica, mas é preciso, para Nietzsche (2012a, p. 83), a formação cultural que “[...] começa justamente quando se começa a tratar o vivo como vivo, e a tarefa do mestre da cultura começa justamente pela repressão de um ‘interesse histórico’ em que todo lugar procura penetrar, lá onde é preciso antes de tudo agir adequadamente, e não conhecer.”

O que Nietzsche quer dizer com “agir adequadamente, e não conhecer” é que educar culturalmente requer o convívio demorado e insistente com a cultura na qual deseja formar-se. Não é algo que vêm ao sabor das leituras em livros somente, mas que requer prática, ou seja,

manejo com o conhecimento da língua pelo qual se reconhece e se toma posse da cultura do lugar. O contato com a língua, com os poetas clássicos alemães, como pensa Nietzsche, deverá ser ponte criativa para que aluno recrie sua própria forma de pensar. É neste sentido que ele falará do papel da composição: “A composição alemã é um apelo a individualidade: e quanto mais o aluno está firmemente consciente das qualidades que o distingue, mais ele dará à sua composição alemã um tom pessoal (NIETZSCHE, 2012a, p. 84).

Este “tom original” não deverá ser mera repetição de temas, uma reprodução. Mas deverá exprimir-se a partir do espírito, ou seja, Nietzsche parece não descartar que é inevitável para o desenvolvimento da criatividade do aluno, o convívio com seus problemas, ou melhor dizendo: com seus temas de interesse. É preciso conviver com seus problemas, assim como o poeta⁴ disse outrora ser preciso conviver com seus poemas, antes de escrevê-los. Tal processo criativo é descrito pelo pensador alemão nos seguintes termos:

Esta é a sua primeira produção; as forças que ainda não se desenvolveram tendem pela primeira vez a uma cristalização; o sentimento embriagador da autonomia reveste estas produções com um encanto primitivo, admirável que jamais retornará. Todas as ousadias da natureza são evocadas dos seus abismos, todas as vaidades, sem que se retenha qualquer barreira mais poderosa, têm pela primeira vez o direito de tornar uma forma literária: o jovem tem a percepção de que está daqui por diante realizado, que é um ser capaz de falar, de conversar, e mesmo que é convidado a fazê-lo. [...] em suma, todo um mundo de tarefas que exige uma reflexão profunda se abre diante de um jovem perplexo, que até aí era quase inconsciente, e que é abandonado à sua decisão (NIETZSCHE, 2012a, p. 85).

Para Nietzsche, essas “produções originais” são reflexos da expressão da natureza íntima e criativa inerente aos indivíduos. Cabendo ao “mestre” ser capaz de perceber o quanto o aluno é habilidoso em criar, e desdobrar o que lhe foi apresentado, assumido e assimilado. Como podemos perceber, o processo de ensino e aprendizagem, defendido por Nietzsche, requer sensibilidade do professor para entender o ato criativo do aluno como resultado da assimilação do conteúdo. Qualquer conteúdo? Não. O conteúdo é retirado da própria cultura do aluno ou relativo ao seu tempo, mas não qualquer cultura como era típico da educação ginásial. Educar significa formar para/na cultura, uma “cultura verdadeira”. Sobre o papel da educação nos ginásios, Nietzsche (2012a, p. 87) diz ser: “Aprender neste domínio hábitos e visões graves e impiedosos, eis aí uma das tarefas mais elevadas da educação formal, ao passo *que laissez-faire* universal do que se chama <<livre personalidade>> só pode ser o sinal distintivo da barbárie.” O pensador defende uma educação que reanime o instinto animal, fonte da

⁴ Trata-se do poema “Procura da poesia” de Carlos Drummond de Andrade publicado no livro “A rosa do Povo” em 1945.

criatividade humana e rechaça qualquer educação produtivista voltada para a formação de jovens capazes de opinar, mas sem conhecimento mais profundo sobre o que opina. Neste sentido, educar é aquilo que se dirige para a “autonomia do gênio” e não para a “autonomia do julgamento”.

Para entendermos o que Nietzsche parece defender sobre o “formar para verdadeira cultura” é preciso ter clareza sobre o objetivo inicial do ensino na perspectiva do filósofo. Esse objetivo redireciona o olhar sobre o que se deve privilegiar na educação, não por ser de caráter secundário, mas por resguardar o que é fundamental para a ciência, para a cultura e para o indivíduo. Nietzsche entende que o ginásio mudou nomenclaturas para sempre ao ofertar o mesmo modelo de educação formal, privilegiando os modelos arcaicos da tradição, a saber: educar para a ciência, para o trabalho, para a cultura formal como coisas estanques e inconciliáveis. Para isso, Nietzsche entende que devemos educar para a aversão. Tomando a educação em língua materna como princípio e modelo, o pensador afirma o seguinte:

[...] mas é preciso saber por experiência própria, como a língua é difícil; é preciso, ao preço de longas pesquisas e de longas lutas, alcançar a via por onde marcam os nossos grandes poetas, para perceber que leveza e beleza eles marcharam e com que inaptidão e grandiloquência os outros os seguiram (NIETZSCHE, 2012a, p. 89).

É neste sentido que podemos entender a questão da formação cultural e não educação científica em Nietzsche; a educação cultural pressupõe o conhecimento profundo do conteúdo estudado, por assim dizer, seus meandros significativos, seus defeitos e impossibilidade para que o aluno possa ir além recolocando outras possibilidades de compreensão. A educação científica, por sua vez, é jornalística, entende conceitos, fórmulas do autor/tema estudado, conformando-se ao que está posto, não questiona, não recria. É neste ponto que a “aversão” se mostra efetiva, pois não aceita passivamente a ciência, a educação para o trabalho, mas deseja formar consciências criativas e, neste sentido, somente seguindo a aversão, é que a cultura tradicional ensinada nos ginásios poderia ter seu ponto de convergência. Formar cientista, para Nietzsche, pressupõe despertar o aluno para a aversão que é ato criativo, momento em que o aluno rompe os ditames do proposto e recria-o. Sobre esse modelo indicado pelo filósofo, para os estabelecimentos de ensino alemães, tem o que segue: “Lá onde pouco à pouco é despertada a percepção diferencial da forma e da barbárie, batem pela primeira vez as asas que levam à verdadeira e única pátria da cultura, a Antiguidade grega.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 92).

Nietzsche toma a cultura grega clássica como expoente de inspiração para o ginásio, não com o desejo de implementar o ensino da literatura grega antiga: é mais que isso. Nietzsche

entende ser importante ler os clássicos alemães (Goethe, Schiller, Lessing), assim como os gregos clássicos (Homero, Sófocles), mas, não pela leitura jornalística/informativa e vazia de significado, mas, sobretudo, porque a cultura clássica é realizada a partir de pressupostos caros ao pensador, a saber: a cultura e o dom artístico. Segundo Nietzsche (2012a, p. 93): “A percepção do helenismo clássico é um resultado tão raro do combate mais encarniçado pela cultura e do dom artístico, que somente por uma incompreensão grosseira que o ginásio pode evocar a pretensão de despertar esta percepção.”

Segundo Nietzsche, é esta percepção de defesa da cultura e fazer artístico helenístico que, quando desperta, torna-se hostil e avessa à cultura do presente. O contato com a cultura grega por meio da leitura dos clássicos deverá levar o aluno a tentar compreender os poetas gregos: seus modos de relacionar-se com o mundo e com a arte. Não deverá ser, pois, uma atitude passiva, mas a arte deverá provocar o aluno sobre o que pode ser feito a partir daqueles contatos: que utilidade tem o pensamento que desperta em mim? O aluno poderá ainda se perguntar, quando diante de uma obra, por exemplo: o que pode mudar em meu coração, mediante os acontecimentos ocorridos na vida da personagem Antígona? São questionamentos que podem ser feitos. É outra atitude perante o texto que Nietzsche deseja. Nesse sentido, o autor interroga:

Quem dentre vocês chegará a uma verdadeira percepção da gravidade sagrada da arte, se são pervertidos metodicamente a balbuciar indistintamente por si mesmos, quando se deveria ensiná-los a falar, a estetizar por si mesmos, quando deveria leva-los ao fervor diante da obra de arte, a filosofar por si mesmos, quando se deveria obriga-los a *escutar* os grandes pensadores? (NIETZSCHE, 2012a, p. 94).

Educar, assim, para a cultura, segundo o pensador é romper com modelos rígidos que não convertem o espaço educacional em lugar para o convívio alegre e criativo com a cultura e o conhecimento de maneiras significativas. Nietzsche parece compreender que, embora seja uma atitude insistente e, por vezes, penosa, a autoeducação do jovem (que inicialmente pode ser dirigida por um mestre), não pode ser um processo vazio de sentido e rigidamente metódica: em contraponto a tal atitude o pensador propõe a “obediência” (aos seus propósitos interiores) e os (bons) hábitos. Em grande medida, são essas características que Nietzsche busca resgatar e indicar como propósito característico do ginásio: um “novo espírito”, não somente voltado para a formação científica, mas, também, para toda “cultura nobre” e “superior.”

É esse “novo espírito” que parecia faltar ao povo alemão. Assim como a cultura greco-romana fora derrotada pela moral cristã, que traz consigo um espírito voltado para o nada, Nietzsche entende que a cultura autêntica do povo alemão analogamente se perdeu. É preciso

resgatar, tomando à cultura clássica, a civilização original, tal como o fizeram os franceses, segundo Nietzsche: uma cultura que não se resume a cópias, reproduções mal diagramadas, resultado de uma sociedade culturalmente e artisticamente empobrecida. Cultura que virá quando a cultura alemã encontrar o caminho a percorrer de mãos dadas com o gênio grego, ou seja, a partir do modo como os gregos procuravam viver a cultura e a criação artística, como nutridores da sua civilização, somente assim, também, os alemães poderão abandonar uma cultura que se pretende clássica, mas que abraçava naquele momento a erudição e o jornalismo como modelos na formação dos jovens. Nesse sentido, como pudemos perceber, Nietzsche denuncia a decadência da cultura alemã a partir da análise da língua materna alemã, da poesia alemã e do povo alemão que, por conseguinte, estava desgastado enquanto civilização original – principalmente quando comparada aos outros povos como os franceses, italianos e russos. Tal originalidade só será possível inspirando-se na civilização greco-romana clássica. É nesta perspectiva de resgate da cultura autêntica alemã que o pensador irá tecer críticas aos estabelecimentos de ensino de sua época, aos ginásios, às escolas técnicas e universidades.

1.2. Sobre a crítica Nietzscheana ao sistema de ensino alemão, mais especificamente ao ginásio, à escola técnica e à universidade.

Nietzsche critica o sistema de ensino alemão, mais especificamente o ginásio, à escola técnica e à universidade. Quanto ao ginásio, como mencionado acima, Nietzsche o concebia como o lugar fundamental para a formação cultural alemã. Neste sentido, ele lhes tece severas considerações sobre sua pretensa educação “clássica”, que não resgata o gênio grego, e acabava reproduzindo modelos eruditos e jornalísticos de educação. Segundo Nietzsche, a exemplo de Goethe e Schiller, é preciso resgatar o gênio alemão tal como se expressava nas obras desses “grandes homens.” Assim, enquanto “[...] não se estiver tornado o lugar de peregrinação dos homens melhores e mais dotados, neste caso, o ginásio, proporá para si na cultura clássica um objetivo incoerente, que flutua ao sabor do vento.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 101).

A crítica aos estabelecimentos de ensino superior ocorre, inicialmente, pela sua quantidade, revelando certo descuido do Estado no que diz respeito à formação educacional dos estabelecimentos de ensino superior. Nietzsche mostra-se, pois, preocupado com a formação dos professores nas universidades: certamente uma formação descomprometida com o gênio grego e a perspectiva requerida por Nietzsche para cultura alemã, a saber: formação de “homens superiores.” Para ele, a quantidade de estabelecimentos de ensino era incompatível com a

própria natureza ao gerar homens predispostos ao desenvolvimento dessa cultura elevada e desse “espírito novo.” A quantidade de universidade não condiz com a quantidade reduzida de homens propensos ao desenvolvimento do gênio.

Nietzsche defende, pois, uma educação aristocrática para poucos pelos motivos citados acima, mas, também, por entender que a “educação de massa” não consegue formar verdadeiros devotos da “cultura autêntica”. Ela consegue apenas transformar o aluno e futuro professor num fanático da cultura, diferentemente “[...] daquela que defende a natureza aristocrática do espírito.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 104). Essa educação aristocrática, segundo Nietzsche, não se aplica a todos porque nem todos nasceram com o “espírito dos grandes homens.” Eles que têm a aptidão natural para o comando aos quais caberá o governo da natureza das massas: “[...] a vocação das massas para servir, sua obediência submissa, seu instinto de fidelidade em servir sobre o centro do cedro do gênio.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 104).

Segundo Nietzsche, o povo, a grande massa, não consegue alcançar a autêntica cultura, pois seus instintos mais naturais operam no sentido de conservar os seus valores religiosos, sua fidelidade e seu instinto de servidão voluntária. A crítica aos estabelecimentos de ensino superior ocorre, justamente, por ele estar voltado para a formação das massas. Isso acaba por descaracterizar o perfil desse momento da formação, que, para Nietzsche, deveria ser oferecida a homens de espírito elevado. Eles que sabem reconhecer e apreciar a grandeza da cultura grega e aproximar a sua existência ao modo de existência valorizado na cultura grega antiga. A universidade afasta-se dessas ideias, reforçando uma existência apegada a ideais divinos e, conseqüente, uma educação conformada com o que Nietzsche chama de “ruínas desse mundo.”

Ao fazer referência aos filólogos e linguistas que estudavam a cultura grega no seu tempo, é possível observar que Nietzsche os vê como profissionais que mantêm apenas uma relação historiográfica com tais áreas de conhecimento, sendo, por isso, incapazes de perceber sua grandeza ou sua perfeição estética, que anuncia a grandiosidade da civilização grega. Sobre como deveriam operar os estudiosos da cultura grega e romana e como deveriam se comportar diante de seu objeto de estudo, Nietzsche (2012a, p. 112) faz a seguinte consideração: “[...] seu verdadeiro interesse deve levá-lo exatamente ao que *não é comum*, ao que coloca esse povo, enquanto não são bárbaros, acima dos outros, e isto na medida em que ele é um mestre da cultura e deve querer ele próprio transformar-se segundo o modelo sublime clássico.”

Mais uma vez o pensador indica tratar-se de uma relação de convivência do mestre, assim como também do aluno, com a cultura na qual deseja formar-se. Essa relação de

convivência com a cultura grega. O resgate da cultura autêntica alemã, como desejava Nietzsche, só ocorreria se os mestres da cultura, aqueles de espírito aristocrático, conseguissem ir além de uma mera depuração conceitual ou classificação historiográfica da cultura. É preciso forma-se nela buscando fugir de meras generalizações, ou seja, de modelos reforçadores de simples erudição: a erudição estaria mais comprometida com uma formação informativa e não para uma formação visando a obtenção de uma cultura com “ideais mais nobres.”

Essa educação cultural não necessariamente está ao alcance do Estado: o Estado tem seus próprios objetivos, indica Nietzsche. Eles são objetivos de poder, de controle e submissão da população, o que vai de encontro aos pressupostos da formação da cultura para o “espírito livre.” A cultura promovida pelo Estado é uniformizadora e somente é oferecida quando ela for útil ao seu próprio estabelecimento enquanto instituição. Instituição que acaba por sacramentar, por assim dizer, o que “é cultura” e o que “é educação.” Gerando, portanto, um tipo de educação e cultura falsos. Uma cultura e educação que não formam para uma verdadeira cultura autêntica de homens aristocratas. É neste sentido que o pensador desvela a superficialidade da cultura oferecida pelo Estado nos ginásios, e nos ajuda a refletir sobre a educação atualmente.

1.3. Nietzsche, a superficialidade da cultura moderna e o papel da educação

Nietzsche, quando indica a superficialidade da cultura moderna, leva-nos a pensar o papel da educação. Assim, diante de tais questões específicas da problemática em torno da educação erudita – típica dos estabelecimentos de ensino alemães do século XIX –, discutidas pelo filósofo na obra *Escrito sobre Educação* (2012), poderemos atentar-nos à necessidade de pensarmos uma perspectiva educacional para o ensino de Filosofia em que suas diretrizes considerem “a dimensão artístico e criativo na construção de uma educação e cultura autêntica no pensamento de Nietzsche.” (ARAÚJO, 2011, p. 43). Neste sentido, para o pensador, a educação e o ensino (de Filosofia) podem formar pessoas conscientes e responsáveis pelo seu próprio processo de autoformação e recriação enquanto sujeitos no mundo, embora que mediada pela figura do professor. Uma educação voltada para o que Nietzsche chama de espírito dionisíaco, visando superar a cultura moderna (não autêntica) sob a qual está o espírito apolíneo⁵. É na tragédia grega que Nietzsche descobre sua maior inspiração com relação a autêntica condição do espírito humano, tal como deveria ter sucedido caso não fosse o

⁵ A discussão sobre as definições em torno do apolíneo e do dionisíaco será desenvolvida mais adiante.

comprometimento com o racionalismo que guiou o pensamento grego, com Sócrates e Platão, tendo como ponto culminante o iluminismo. Para uma educação dirigida para a cultura, ou para a formação do homem culto, deverá promover primeiramente um voltar-se para si mesmo, para a interioridade. Segundo Nietzsche, referindo-se ao olhar para a natureza (dionisíaco) e o olhar hábil do cálculo (apolíneo), podemos ressaltar o seguinte:

O que se perde, com esta espécie de consideração nova e imposta, não é uma simples fantasmagoria poética, mas a única compreensão verdadeira e instintiva da natureza: no seu lugar, interveio agora um hábil cálculo que busca vencer a natureza pela astúcia. Ao homem verdadeiramente culto, portanto, se lhe concede este bem inestimável de poder, sem qualquer transgressão, permanecendo fiel aos instintos contemplativos de sua infância e alcançar com isto uma calma, uma unidade, uma coerência e harmonia, da qual o homem educado na luta pela vida não pode sequer pressentir (NIETZSCHE, 2012a, p. 123).

Por acreditar no caráter de disseminador da cultura dos estabelecimentos de ensino, Nietzsche defende que eles não se resumam unicamente à formação de profissionais, mas para o estabelecimento da cultura. Neste sentido, o culto, ou seja, o indivíduo de cultura é quem tem de criar seus próprios caminhos, guiados por seus instintos nobres, sua vontade de potência. Para o pensador, o homem de cultura é designado, também, tal como podemos ver na citação:

A nós nos parece bem mais que estes sabem procurar sua própria via, e sua força se mostra exatamente na sua capacidade de andar sem muletas educacionais, das quais todos os outros têm necessidades, e de atravessar impassíveis através da multidão de choques da história universal, como fantasma numa grande reunião de pessoas onde se está encerrado (NIETZSCHE, 2012a, p. 130).

Nietzsche propõe um voltar-se para a interioridade afim de se encontrar a força natural e criativa e não somente uma racionalidade que acaba ficando presa a pressupostos técnicos. Uma educação que instrua os estudantes a partir da arte, da filosofia, pintura, escultura, não somente de intelectualismos. A educação requerida pelo pensador pressupõe um projeto mais amplo de formação, que não diz respeito apenas à formação com finalidade útil, mas à elevação moral do indivíduo. Para ele, os estabelecimentos de ensino voltados para a formação da cultura deverão preocupar-se com a autoformação dos indivíduos. “E todos aqueles que participem desta instituição devem esforçar-se, com tal depuração da subjetividade, em preparar o nascimento do gênio e a criação de sua obra” (NIETZSCHE, 2012a, p. 137). Sobre a educação e o que propunha Nietzsche para os estabelecimentos de ensino, temos o seguinte:

Agora, os melhores sucumbem vítimas desta sedução: e no fundo, não é a qualidade dos dons que decide aqui se alguém é receptivo ou não a estas vozes, mas sobretudo o grau e o nível de uma certa elevação moral, o instinto de heroísmo, do sacrifício – enfim, uma necessidade autêntica de cultura, conduzida por uma educação adequada e tornada hábito: cultura que é antes de mais nada, como já disse, uma obediência e uma habituação à disciplina que caracteriza o gênio (NIETZSCHE, 2012a, p. 137).

A educação para a cultura, nesse sentido, pressupõe o desenvolvimento das disposições inatas para desenvolvimento do gênio, que pode ser entendido como inclinação de espírito à cultura e moral elevadas, aristocrata. Uma espécie de hábito e disciplina que se adquire em contato com poetas, artistas e profundos conhecedores da autêntica cultura alemã. “Exatamente agora compreendo muito melhor até que ponto é necessária uma instituição que abra a possibilidade de convivência com estes homens raros, que possuem uma autêntica cultura, para encontrar neles os guias e as estrelas que mostram o caminho.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 139).

Para o pensador alemão, o ginásio deveria dispor, assim, de condições oportunas com o objetivo de formar, numa idade específica, uma espécie de autonomia. “O indivíduo deve, nesta ocasião, congratular-se com os seus pontos de vista e com seus propósitos, para poder andar por si mesmo e sem muletas” (NIETZSCHE, 2012a, p. 145). Deverá, pois, habituar os alunos a aprender autonomamente. O ginásio, assim como as universidades, deve oferecer uma educação capaz de tornar os indivíduos livres e autonomamente capazes de guiarem a si mesmo. Eles devem romper no aluno uma “forma” inicial, necessariamente colocadas por seus mestres, mas favorecer o caminhar com seus próprios passos na investigação, com originalidade própria. E é somente dessa condição que a ciência pode irromper de maneira criativa e fecunda. Sobre tal formação, Nietzsche dirá ser possível de medição a partir das considerações seguintes, a saber:

Vejam o estudante livre, o arauto da cultura autônoma, imaginem os seus instintos, interpretem-no em função de suas necessidades! O que lhes pareceria a sua formação, se vocês soubessem medi-la com três instrumentos, em primeiro lugar, por sua necessidade de filosofia, em segundo lugar, por seu instinto artístico e, por fim, em relação à antiguidade grega e romana, que é o imperativo categórico concreto de qualquer cultura” (NIETZSCHE, 2012a, p. 148).

Ele explica, assim, os pilares centrais ao redor dos quais todo processo de formação do indivíduo deverá fundamentar-se. A cultura grega e romana, Nietzsche considera como civilização de uma cultura autêntica da qual outras culturas, como a alemã, deveriam buscar e resgatar certa proximidade de gênios. Com a Filosofia devemos nutrir o espanto, a capacidade de inquietar-se porque de tal condição nasce a indagação, a problematização, a busca por explicações que nos impele a criar outras formas de ver o que nos apresentar estranho. Quanto ao instinto artístico, o pensador faz referência à capacidade criativa natural dos indivíduos em propor outros meios de encarar a existência diante de um estado natural de extrema indignação: momento em que o indivíduo se vê diante de ambiguidades existências em que suas certezas tradicionais não encontram mais sentido ou capacidade de resposta satisfatória.

O que podemos indicar a partir da exposição acima é que, para Nietzsche, a educação deverá criar condições para o desenvolvimento das potencialidades humanas. O homem emancipado, por assim dizer, não se restringe em se colocar no mundo guiado pela razão, porque essa se revelou criadora de enganos (NIETZSCHE, 2009). A educação não deve cristalizar as certezas criadas pela cultura, pela filosofia, pela religião, mas deverá questioná-las. Tão pouco deverá somente privilegiar métodos de ensino que ensinem a reprodução conteudista e historicista. As “verdades” são, pois, criações humanas tal como os preceitos da moral adotados pela sociedade. Conforme Chies (2012, p. 22),

[...] Nietzsche, contudo, não existe uma vontade determinada pela razão pura, nem mesmo um imperativo categórico, nem, tampouco, valores válidos universalmente. O que existe é um sujeito constituído, não mais por uma vontade universal e legisladora, mas por uma pluralidade de vontades.

O homem existe não apenas sob a égide da razão. Ele existe sobretudo enquanto ser que pulsa criativamente no mundo. Desse modo, não dá apenas para pensá-lo segundo uma moral universal (moral de rebanho), acusada por Nietzsche de castrar as potencialidades do indivíduo (ARAÚJO, 2011). A crítica à metafísica se faz porque, “[...] para Nietzsche, [ela] sanciona valores que ameaçam e enfraquecem a vida, na medida em que, ignorando o homem fático, o homem concreto, a realidade perene que está em constante duelo de forças.” (CHIES, 2012, p. 23). Para o pensador, o que faz a metafísica não passa de especulações que acabam por negar a dinamicidade da vida. Desse modo, Nietzsche propõe através de seus escritos, a superação desse modelo baseado no período grego (sobretudo platônico), em que se dá uma negação da vida em sua totalidade. Nesse sentido, “[...] Nietzsche considera imperiosa a necessidade de uma educação que desenvolva aquilo que há de único em cada homem: suas forças e impulsos mais elementares.” (CHIES, 2012, p. 23).

É neste âmbito que se situa a crítica nietzschiana aos estabelecimentos de ensino, mais especificamente porque eles reproduziam o apego ao racionalismo estéril. Nietzsche evidencia isso na medida em que questiona e propõe outro modo de relação com a realidade histórica, não mais pautando-se em explicações metafísicas, próprias desse momento da história ocidental que o autor diz ser domínio da “vontade de verdade.”

A partir disso, seria importante observar que a tradição do pensamento ocidental toma como base o conceito de “vontade de verdade”. Assim, seria possível entender a verdadeira motivação que justifica o esforço do platonismo em renegar o devir heraclítico. Qual é a base

da interpretação nietzschiana? Baseando-se em *Crátilo*⁶, Nietzsche afirma que Platão, ao interpretar a sentença de Heráclito (“tudo muda e nada permanece”), não teria dado à sentença o significado que lhe deu o próprio Heráclito. Conclusão de Platão: todas as coisas sensíveis se acham em perpétuo fluxo e alteração, de maneira que nenhum conhecimento racional é possível acerca delas. Tal inferência tem como base sua distinção entre dois gêneros de conhecimento, o proveniente do *nous* (intelecto = imutável, ele não poderia concernir a nada que fosse sensível, pois todo sensível, segundo a hipótese, está posto no eterno fluxo da insubsistência), e a opinião (*doxa*). Resultado disso é o pessimismo prático; pois se nenhum conhecimento racional do mundo sensível é legítimo, isso afeta a concepção tradicional de um fundamento absoluto para o conhecimento do bem e da virtude, privando a existência de toda significação moral.

2. A EDUCAÇÃO COMO JUSTIFICAÇÃO DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA NO PENSAMENTO DE NIETZSCHE

Na obra *Escritos sobre Educação* do jovem Nietzsche é possível percebermos que ele está preocupado com os rumos da educação do seu tempo. Educação que, segundo ele, reveste-se de uma “pseudocultura” que não liberta a dimensão criativa dos estudantes, mas apenas os treina para agir sobre modelos prontos, resumindo a educação em formação para o mercado de trabalho, para exercício com objetivos meramente úteis. Para o pensador, faz-se necessário repensar esse ensino e, ao fazê-lo, ele constata a crise da cultura moderna. A pseudocultura indicada por Nietzsche como responsável por formar indivíduos moralmente fracos, repercute nos estabelecimentos de ensino: os ginásios e universidades seriam instituições responsáveis por oferecer uma formação cultural, que deveria ser autêntica objetivando o fortalecimento da civilização alemã. A crítica nietzschiana está direcionada para a racionalidade moderna, que se constitui niilista⁷ e, por isso mesmo, decadente e que se produz também nas instituições de ensino, promovendo uma educação cultural decadente. Neste sentido, temos que:

Como produto da saudável e desejável força espiritual do humano, o niilismo [ativo] é o movimento que busca lançar todo seu esforço crítico para a destruição dos valores clássicos da cultura, desmascarando falsidades, desmistificando imposturas e criando as condições para transvalorar os valores e para criar um novo ser humano. Por outro lado, como indício de fraqueza e decadência, mediante as elaborações filosóficas do platonismo e do cristianismo, com os consequentes desdobramentos que alcançam a modernidade, o niilismo [passivo] é o ápice do desenvolvimento histórico cujas

⁶ Cf.: PLATÃO. *Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Editora Universitária UFPA: Belém – Pará, 2001.

⁷ É preciso notar que a tematização do niilismo tem, em Nietzsche, um tom ambíguo: “o niilismo pode ser um sinal de força, de intensificação do poder do espírito, ou pode ser um sinal de fraqueza, de decadência do poder do espírito” (ARALDI, 1998, p. 75).

consequências irremediáveis são a renúncia e a negação da vida (ALMEIDA, 2009, p. 20).

Assim, estudar o pensamento nietzschiano, mais especificamente ao que concerne seus escritos sobre educação, é também entender seu esforço em vista da superação de *modus operandi* do pensamento moderno, da formação e da educação, neste contexto. Nietzsche opera uma profunda crítica aos valores tradicionais, que são construtos humanos que vão se solidificando e sendo tomados como algo eterno, verdadeiro e transcendente.

Em conformidade com o pensamento nietzschiano, Chies (2012) entende que a educação sempre retrata e tem reforçado um modelo historicamente situado. E o que compete à modernidade nesse momento da crítica nietzschiana, é um modelo pautado fundamentalmente na crença da razão, considerado como sendo capaz de estabelecer um conhecimento verdadeiro. Segundo essa concepção moderna de educação, o sujeito é concebido como aquele que é capaz de criar modelos de ações legitimados por sua capacidade racional, pois o pensamento é capaz de oferecer leis capazes de garantir a ética, a educação, a melhor ação política, entre outros aspectos da vida prática. É esse “[...] projeto pedagógico moderno de uma educação moralizante e seus pressupostos [que] são o ponto central para uma leitura sob o olhar da ruptura nietzschiana com tal ideal educacional.” (CHIES, 2012, p. 14). Segundo Almeida (2009, p. 20-21), Nietzsche chega à seguinte conclusão:

Ao considerar que os valores tradicionais sabotam a criatividade e espontaneidade da condição humana, resta ao movimento crítico — niilismo ativo — a representação de um novo momento em que a filosofia se vê diante de uma tarefa absolutamente original: destitui-se da ambição do projeto que desde Sócrates define a própria filosofia, a saber, a tentativa de buscar o conhecimento verdadeiro, para ingressar na tarefa de alcançar a interpretação e a avaliação.

Seguindo essa discussão, a razão encontra uma autonomia própria com o *cogito ergo sum* (penso, logo existo). Ela agora não se encontra enraizada na exterioridade do ser – como operava no pensamento do medievo, ela não tinha sua fundamentação última, por assim dizer, em ideias suprassensíveis ou na ideia de Deus, mas encontra-se na própria interioridade (consciência) do sujeito. A razão cria suas próprias regras, possibilitando sustentar, pelo método, o conhecimento verdadeiro.

Segundo Chies (2012, p. 18), na modernidade, “[...] O primado ontológico dá lugar a um primado da teoria do conhecimento.” Ou seja, a razão é capaz de conhecer e dizer sobre a natureza das coisas, e não apenas aceitá-las. A razão parece criar um pensador metafísico que busca analisar, avaliar e dizer e estabelecer o que as coisas são. Destituindo desse lugar o

filósofo-legislador: se põe neste lugar com Nietzsche o pensador crítico dos valores estabelecidos, que visa a recuperação da vida e a transvaloração dos valores herdados da filosofia e do cristianismo. Assim é preciso repensar a educação, os estabelecimentos de ensino e a formação de um outro homem. “A transvaloração dos valores culturais traz consigo a emergência de um novo humano, que se situa além do próprio humano, o além-do-homem (*Übermensch*), que transpõe seus limites para ultrapassar os valores estabelecidos” (ALMEIDA, 2009, p. 21).

Para Nietzsche, a razão é uma ferramenta natural pela qual o homem se coloca no mundo em relação com os demais na sociedade. Para isso, se utiliza da linguagem, palavras e conceitos, que, ao se cristalizarem no cotidiano, acabam ganhando *status* de “verdade”, subsistentes por si mesmas, ou seja, verdades metafísicas. As verdades, para Nietzsche, não têm bases metafísicas, ou seja, verdades como “Deus”, “essência”, “substância”, são convenções que não resguardam um fundamento imutável. De acordo com Chies (2012, p. 19), ao fazer a crítica à concepção de razão da modernidade, “[...] Nietzsche coloca a linguagem em questão e, com ela, ele questiona, também, valores secularmente aceitos como verdadeiros e que perpassam todo o projeto pedagógico moderno, tais como conhecimento, cultura, verdade etc.”

Na modernidade, por conseguinte, são os ideais iluministas que pairam também sobre a educação: sobre a compreensão de ser possível um projeto universal para a formação do homem, embora não seja essa a pretensão de Nietzsche, pois a preocupação do pensador é com a deterioração da cultura que ele considerava autêntica, em virtude das reformas educacionais pelas quais passava o sistema de ensino alemão, bem como o consequente estabelecimento de uma cultura de especialistas, erudita e superficial. Segundo Chies (2012), a educação da qual Nietzsche suspeitava, vista como possibilidade de desenvolvimento da capacidade de uso autônomo da razão, da emancipação humana pela racionalidade. Para melhor explicar a crítica nietzschiana às ideias iluministas, onde Immanuel Kant (1724-1804) aparece como um expoente desse período, temos que:

Se, para Kant, a ação educativa é vista como um “processo de interiorização da moral e do dever, enquanto um valor absoluto e universal”, cujo objetivo é o aperfeiçoamento moral do homem, a fim de conduzi-lo à maioria e à emancipação, para Nietzsche, essa metafísica da subjetividade – que eleva o homem ao patamar de elemento de justificação de toda a realidade e que dá sustentação ao projeto pedagógico moderno – é restritiva, sedimentada e, mais que isso, é uma negação à vida e às potencialidades humanas em sua plenitude, uma vez que o indivíduo é preterido em nome do rebanho (CHIES, 2012, p. 22).

Segundo Almeida (2009), o que Nietzsche pretende com a investigação dos valores da sua época é mostrar o quanto o *ethos* moderno retira o humano de suas relações e vínculos fundamentais consigo mesmo. Segundo ele, “[...] das elaborações nietzschianas sobre o niilismo apreendemos a disposição de crítica e questionamento da renúncia e da indiferença como modo de vida.” (ALMEIDA, 2009, p. 21). Para Nietzsche, a educação e, conseqüentemente, o ensino de Filosofia, deve estar voltado para a criação de possibilidade que ajude os alunos no processo de criação de si mesmos. Segundo o mesmo pesquisador,

Nietzsche é um autor que professa a ideia de criação de si mesmo: o ser humano nobre é aquele que no interior da imanência de suas relações concretas constrói seu próprio destino. A estética da existência é a consideração da experiência de si mesmo e, nesse sentido, ao afirmar a necessidade dos vínculos com seu *ethos*, na imanência própria da existência concreta e cotidiana, impõe uma ética apenas como experiência de si mesmo: na autodeterminação, na autolegislação, o ser humano deve criar cotidianamente seu devir, sem o recurso aos esquemas e forças transcendentais que supostamente servem de norte para a condução da vida. (ALMEIDA, 2009, p. 27).

Assim, é possível afirmar que Nietzsche, ao tecer críticas aos valores sedimentados na modernidade, tenciona repensar a relação dos indivíduos, reconhecendo que será importante redesenhar outras possibilidades de fazer-se, considerando o desenvolvimento do gênio, capaz de autodeterminação e autolegislação. Neste ínterim, qual o papel da educação e, por conseguinte, do ensino de Filosofia, para desenvolvimento do “além-do-homem”, como aquele que detém o gênio para a cultura autêntica?

3. O GÊNIO E O ALÉM-DO-HOMEM COMO EXPRESSÃO ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

O que Nietzsche propõe é uma educação em que os indivíduos sejam autônomos ao serem capazes de recriarem a si mesmos. Como o próprio autor indica ao expressar as seguintes palavras: “Tempos felizes, em que os jovens são sábios e cultos o bastante para se guiarem a si mesmos.” (NIETZSCHE, 2012a, p. 148). Neste sentido, o pensamento nietzschiano sobre a educação, ao mesmo tempo que propõe estabelecer outra cultura da qual deva nutrir-se, indica ainda a necessidade da formação estética de cada indivíduo. Nesse sentido, entendemos que ao falar de uma estética da existência no horizonte teórico de Nietzsche, na presente reflexão, faz-se necessário compreender a educação no âmbito de um projeto maior que envolve uma compreensão de sociedade e de homem como recriação artística de si mesmo. Para o pensador, é imprescindível que o estudante de Filosofia antes consiga desenvolver seu instinto artístico para ser capaz de fazer Filosofia. Para Almeida (2009, p. 75):

Na fuga do niilismo, a arte ofertaria a possibilidade de cura. A arte produz obras e as obras são efeitos de seus autores. Nesse sentido específico, num autêntico experimento de si, o criador torna-se responsável pela sua formação, tornando-a, assim, autoformação. Afiançada pela liberdade inerente ao ato de elaboração de si, essa *Bildung* impõe a radical necessidade de autodomínio. Tomemos a vida como obra para que nos tornemos autores de nossa própria existência.

Segundo Dias (1991), Nietzsche propõe a superação de uma cultura histórica, que, em excesso, objetifica a vida, na medida em que torna as relações humanas superficiais. Nesse sentido, é preciso encontrar a medida em que o passado não destrua o presente, fazendo fortalecer nos indivíduos sua “força plástica.” Segundo Dias (1991, p. 61):

[...] é necessário conhecer a medida exata da *força plástica* de um homem, de uma nação, de uma civilização, quer dizer, a capacidade de crescer por si mesmo, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as formas destruídas.

A educação para Nietzsche visa, pois, o desenvolvimento desse potencial criativo do indivíduo que recria valores e recria a si mesmo. Somente um homem imbuído em seu gênio criativo pode produzir uma cultura elevada. Assim, ao pretender uma educação de resgate do “gênio autenticamente alemão”, inspirando-se no modo de consolidação da civilização grega, Nietzsche parece esboçar o “além-do-homem”: conceito primordial em seu pensamento posterior às conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*. O “gênio” que resguarda em si uma força natural, impetuosamente criativa quando não cerceada (DIAS, 1991). E o “além-do-homem” como recusa do niilismo passivo, e como afirmação do poder do espírito.

Nietzsche delinea um projeto de educação, por assim dizer, que comporta a transvaloração de valores, bem como a estetização da vida. Conforme Almeida (2009, p. 81):

Como antítese da experiência estética do porvir, o desenvolvimento moral do ocidente produziu a decadência do niilismo: o ser humano aliena-se no pretoso caráter absoluto de suas valorações, recusa a evidência do vir-a-ser e alimenta-se de sua esperança de alcance da perfeição inteligível, aquela mesma que determina o conjunto do dever ser. Ora, no “niilismo como decadência e recuo do poder de espírito” encontra-se o avesso do que se quer proclamar como experiência estética — o ser humano se deprecia e toma partido contra a vida.

A concepção de educação e, em decorrência, de ensino de Filosofia em Nietzsche, traz junto ao seu arcabouço teórico, também, uma compreensão de homem, que pretende resgatar, de certo modo, o modelo antropológico antigo “[...] ou seja, um modelo de existência que antecede a filosofia racionalista de Sócrates, Platão e Aristóteles e dos seus rumos no Medievo e na Modernidade” (ARAÚJO, 2011, p. 43). Esta figura de homem, que se coloca perante a existência, deixa-se conduzir pelas inclinações mais fundamentais inscritas na própria natureza humana. Segundo Danelon (2004, p. 348): “A filosofia, para Nietzsche, é a expressão de um tipo de homem que tem em sua própria força, em sua coragem e em seu enfrentamento do medo, a causa motora.” Neste sentido, o homem deverá voltar a tais inclinações e se fazer enquanto indivíduo no mundo, sendo senhor de si.

A crítica nietzschiana recai sobremaneira, entre outras coisas, ao uso exagerado da razão em detrimento dos instintos naturais, característica iniciada na modernidade (CHIES, 2012). Nesse sentido, o pensador propõe a retomada da construção da vida a partir do que significou a destruição do trágico na cultura grega. “Tal projeto fundamenta-se em uma proposta de retorno aos gregos pré-socráticos por meio de uma relação arte/conhecimento, na qual a arte situa-se como cânon para a vida e para o conhecimento, pressupondo uma abertura ao símbolo e ao mito trágico.” (CHIES, 2012, p. 27). Esse olhar sobre a mitologia trágica significa o apelo ao retorno para si mesmo, para os aspectos instintivos do homem o qual a modernidade havia tentado se afastar pela supervalorização da razão.

Para o pensador, não é somente a razão capaz de dar sentido e significado à vida, mas, também, o seu oposto, a saber: os impulsos da subjetividade. O apolíneo como arquétipo da medida, da harmonia, o teórico e o racional; e o dionisíaco como arquétipo da mudança constante, do refazer-se sempre e novamente na existência. De modo que o dionisíaco remete ao descontentamento com a acomodação e conservação das coisas. Segundo Chies (2012, p. 29), “[...] o impulso dionisíaco produz a desintegração do eu, a abolição da subjetividade, de

tal modo que o homem é lançado na radicalidade de sua própria existência, não deixando espaço para a exatidão apolínea.”

Educar deve estar relacionado, assim, a criar uma cultura autêntica⁸, ao resgate da cultura degenerada com o declínio da cultura trágica grega, repercutida na modernidade. Uma cultura alemã autêntica baseada em pressupostos clássicos, os quais os estabelecimentos de ensino não deveriam abrir mão⁹. Segundo Nietzsche (1992), esse declínio da cultura está relacionado com o enfraquecimento do espírito humano, que perderá a capacidade de viver de maneira livre, sem fugas por vias suprassensíveis (como pela religião), e sem negar a vida em sua totalidade. “Nietzsche percebeu que, tal qual ocorrera na tragédia grega, a educação também passou a valorizar exacerbadamente a razão – priorizando o aspecto Apolíneo – privilegiando o desenvolvimento da racionalidade em detrimento a outras faculdades.” (CHIES, 2012, p. 31). A esse respeito, Nietzsche¹⁰ (2007, p. 118-119) afirma que:

[...] nos círculos dos professores das instituições superiores da cultura, é onde melhor se aprendeu a ajeitar-se rápida e comodamente com os gregos, indo-se não raro até uma renúncia cética dos ideais helênicos e até uma completa inversão do verdadeiro propósito de todos os estudos sobre a Antiguidade. Quem naqueles círculos não se exauriu por completo no afã de ser um revisor confiável de velhos textos ou um microcopista histórico-natural da linguagem, este talvez procure apropriar-se “historicamente”, ao lado de outras Antiguidades, também da Antiguidade grega, mas sempre segundo o método e com os ares de superioridade de nossa atual historiografia culta. [...] Não há nenhum outro período [...] em que a assim chamada cultura e a genuína arte tenham sido tão alheadas e tão distanciadas, uma em relação a outra, como o que vemos com nossos próprios olhos no presente.

O filósofo alemão, desse modo, indica a necessária disposição que se faz ter para se buscar o resgate da vida mesma: sem subterfúgios, mas encarando a realidade como arte trágica, como apregoavam os gregos antigos. No homem se encontram forças contrárias de equilíbrio e desequilíbrio, mas que fazem parte da sua constituição. Não como condição metafísica do seu ser, mas como condição criativa para estar existindo no mundo. O equívoco, segundo Nietzsche, está em anular essas tendências renovadoras da vida e enaltecer, em seu detrimento, o que lhe causa a inércia e a morte. “Nessa perspectiva, a vida tem valor em si mesma como realidade a partir do caos da existência e não há nela qualquer outra finalidade senão a de incrementar-se a si mesma.” (CHIES, 2012, p. 32).

⁸ Com a promoção da elevação do homem à cultura autêntica o homem livre, capaz de fazer-se individualmente sem se deixar massificar pela cultura de “rebanho.”

⁹ Nietzsche fez ferrenhas críticas ao sistema de ensino alemão por sua política educacional pautada no tecnicismo/utilitarismo, universalizante e voltado para a quantidade e não qualidade.

¹⁰ (NIETZSCHE, 2007, p. 118 – 119 apud CHIES, 2012, p. 32).

Constatado o caráter niilista e decadente da cultura é preciso encará-lo como condição para afirmação da vida criadora. O homem deverá buscar a superação da condição de descrença nos valores, ou na crença desses valores como condição suprassensível da realidade¹¹: para criar seus próprios valores e seu modo de estar no mundo. O homem deve ser capaz de reconhecer a “[...] sua condição de indivíduo destinado a viver na diferença, na transitoriedade e na multiplicidade e não mais pautado nas verdades absolutas da metafísica.” (CHIES, 2012, p. 37). Desse modo, o que o pensador postula na obra *Escritos sobre educação*, está em conformidade com essa discussão filosófica realizada: em que se defende a educação para a formação de indivíduos únicos, que reconheçam a importância dessa singularidade criativa – pois, a tecnicização do ensino somente é capaz de criar uma cultura de massas (NIETZSCHE, 2012a). Segundo Zuben & Medeiros (2013, p. 73): “Essa tendência produziria o erudito, o indivíduo que apresenta grande saber, porém, saber esse que é extremamente particular: quanto mais se especializa em sua área, mas se afasta das demais, e essa formação também não seria capaz de favorecer a verdadeira elevação cultural do educando.”

O objetivo da educação, portanto, seria voltar-se para a elevação do homem à cultura autêntica, e não promover uma cultura de massa, através de um ensino especializado, com conseqüente domesticação da natureza do homem. Segundo Dias (1991, p. 69)),

[...] para Nietzsche, a formação autêntica não é uma volta ao "eu" verdadeiro, nem o desmascaramento dos obstáculos fictícios que entravam a cultura do "eu". O "eu" é uma construção, um "cultivo de si" permanente. Para ousar ser um "si mesmo", é preciso antes de mais nada uma tarefa educativa.

O filósofo educador deverá ajudar aos outros a educar-se a si mesmos. Para que sejam capazes de recriar-se e criar uma cultura elevada e autêntica. Que retome, assim, o olhar sobre a natureza humana: não mais entendida a partir do idealismo platônico, e do racionalismo próprio

¹¹ Ou seja, o que Nietzsche indica é que dado um valor determinado, não se perguntará jamais sobre sua verdade e sua validade intrínsecas, mas sobre suas condições de produção, pois um valor é apenas sintoma de um tipo de vida, de uma formação de domínio. Um valor resulta sempre de uma avaliação, por isso Nietzsche critica a ideia de valor em-si. Mas uma avaliação não é só um ponto de vista sobre o mundo, ela exprime exigências psicofisiológicas, ela é indissociável do corpo que a gerou, da hierarquia instintiva aí presente, dos processos interpretativos do próprio organismo, isto é, de seus modos de apropriação de uma exterioridade. Dado um valor, que modo de existência ele implica? Um valor tem sempre uma genealogia da qual dependem a nobreza e a baixeza daquilo a que ele nos convida a acreditar, a sentir e a pensar: “O que uma vontade quer, segundo sua qualidade, é afirmar sua diferença [...] O que se quer são sempre qualidades: o pesado, o leve [...] O que uma vontade quer não é um objeto, mas um tipo, o tipo daquele que fala, daquele que pensa, que age, que não age, que reage, etc.” (Deleuze, 1976, p. 64).

da modernidade, mas sobre o que Moura (2005, p. 205) vai chamar, em conformidade com pensamento de Nietzsche, de “Sentimento de Potência.¹²”

Neste sentido, cabe ainda ressaltar que Nietzsche coloca o homem como possibilidade de contradição no meio de uma sociedade com fortes traços pautados em dogmas racionalistas e metafísicos. Não o homem impregnado pelas ideias modernas pautada na razão universal (ACOSTA, 2017), mas o homem que cria e se recria na existência, sempre e de novo. O homem que pergunta sobre os valores e sobre os valores fundamentais nos quais ele se encontra fundamentado. A crítica teria lugar especial no horizonte, mas não a crítica preocupada em investigar e conhecer um ideal para as coisas. Mas, a crítica de quem possuindo espírito livre¹³, seja capaz de questionar mesmo seus próprios ideais, crenças e valores. De modo que só o próprio homem pode encontrar para si alguma base referencial no processo de existir. Nesta perspectiva, Danelon (2004, p. 350) põe o ensino de Filosofia da seguinte forma:

[...] o ensino de filosofia deve ter em seu horizonte a promoção de um tipo humano em que as crises, os solavancos, as vicissitudes e contingências inerentes à existência sirvam de alimento para a potencialização do próprio homem; [...], o ensino de filosofia contribua para criar as possibilidades para a emergência do espírito da águia a fim de que o sujeito olhe o abismo de cima, arrogante, desafiador, exatamente porque traz o abismo dentro de si; um ensino de filosofia que faça de uma guerra perdida a força motriz para a superação da própria condição humana.

Nietzsche apresenta-nos Zaratustra falando sobre a superação do homem pelo “além-do-homem”, como possibilidade de superação da condição de submissão e inércia na qual se encontra o homem ocidental. O pensador propõe a volta ao próprio homem. Não mais preso aos ideais suprassensíveis, castradores de suas potencialidades naturais. É importante que seja levado a superar sua condição cética, sua condição de vítima do niilismo. Segundo Danelon (2004), este é o palco da filosofia e de seu ensino. Este é o momento de sua necessidade, que encontra em Zaratustra o protótipo de professor de filosofia: “a figura de Zaratustra é a do

¹² “A vida, como a forma mais conhecida do ser, é especialmente, é especialmente uma vontade de acumulação de forças: todos os processos de vida têm aqui sua alavanca: nada quer se conservar. Tudo quer crescer e acumular” MACHADO, 1999, p. 69).

¹³ “[...] o espírito livre é, antes de tudo, um experimentador. Nietzsche o opõe ao espírito servo. As cadeias as mais fortes que o espírito deve romper para libertar-se são as cadeias dos deveres, quer dizer, o respeito aos valores antigos venerados. O espírito livre vai designando, assim, uma vontade de autonomia na determinação de si mesmo e de seus próprios valores, ‘uma vontade de vontade livre.’” (MOURA, 2005, p. XXIII).

educador [...] vem ensinar aos homens que os ideais, os valores e as ideologias que justificavam a civilização estão enterrados no niilismo do homem moderno.” (DANELON, 2004, p. 352).

Quando Nietzsche indica a necessidade de encontrar um modelo de educador, está a observar um problema que aborda a própria formação do educador, pois, em sua concepção, nas universidades alemãs havia-se adotado um estilo de ensino para a consolidação da “liberdade acadêmica” que privilegia, de um lado, a exposição oral do professor e, de outro, a audição do aluno.

Nietzsche encontra em Schopenhauer o modelo de mestre, um exemplo de pensador que havia preservado a coerência entre vida e obra, isto é, aqui o exemplo deve ser dado pela vida concreta e não unicamente pela atitude teórica. Com isso, Nietzsche acredita que Schopenhauer, enquanto espírito livre do espírito do tempo e do temor incitado pelo tempo, que de forma constante, em qualquer circunstância, é capaz de manter sua liberdade a salvo no interior de si mesmo, jamais poderia ter sido filósofo universitário, porque representaria um perigo para o Estado. Isto é, em qualquer lugar em que tenha havido sociedades, governos, religiões, opiniões públicas poderosas, em suma, onde quer que tenha havido tirania, esta odiou o filósofo solitário, pois a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhuma tirania pode penetrar, a caverna da interioridade, o labirinto do coração, e isso irrita os tiranos. (NIETZSCHE, 2012a, p. 154).

Ao tomar como base a personalidade do educador como modelo de mestre e o modelo da instituição de ensino que não seja uma estrutura formal, Nietzsche enfatiza a fecundação da vida e a valorização da arte na formação do espírito superior e criativo. Assim, deve-se apontar que tal proposta tem muito mais interesse em desejar que o espaço educativo forme um artista e não um mero técnico, porque o artista experiencia a expressão de sua sensibilidade vital, a criação não a partir de critérios racionais, mas pela capacidade de expressar através da pulsão de suas próprias forças. Aliás, isto foi o que também levou Nietzsche a procurar em Schopenhauer uma influência para sua crítica à filosofia universitária. Segundo Schopenhauer, não há filósofos nas universidades, mas, muito pelo contrário, professores que vivem da filosofia, interessados no que convém ao Estado:

Assim, quem aceita ser filósofo por conta do Estado, também deverá suportar que este o considere como alguém que tivesse decidido a não prosseguir com a verdade em todos os cantos. Pelo menos enquanto ele é favorecido e ocupe seu cargo, deverá reconhecer que há algo acima da verdade: o Estado. E não só o Estado, mas ao mesmo tempo tudo aquilo que favorece a sua prosperidade: por exemplo, uma determinada forma de religião, de ordem social, de organização militar – sobre cada uma destas coisas está escrito *noli me tangere*.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 210).

Schopenhauer não somente foi importante para Nietzsche, como também indica a importância do educador no processo educativo, pois segundo Nietzsche, educar [...] exige que o educador deva imediatamente reconhecer o ponto forte dos alunos e dirigir todas as energias, todas as forças e todo raio de sol sobre este ponto, a fim de levar à maturidade e à fecundidade esta virtude.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 167). Neste sentido, o educador deverá ter clareza sobre seu objetivo: levar os jovens a despertar para a busca da cultura superior. Assim, o pensador reconhece a necessidade dos estabelecimentos de ensino, quando diz; “Que estabelecimentos de ensino superior, que universidade nos satisfazem, a todos nós – que diretores, que instituições, em vista da dificuldade da tarefa de educar um homem para fazer dele um homem.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 167).

A educação, neste sentido, deve oferecer ao indivíduo condições para autoformação. E Schopenhauer é o modelo de educador tal como Nietzsche apregoa, sobre a necessidade do exemplo dos grandes homens. Segundo Nietzsche “É o estado de espírito que é preciso justamente implantar e cultivar num jovem é que ele se compreenda a si mesmo sobretudo como obra carente da natureza, mas ao mesmo tempo como um testemunho das intenções maiores e mais maravilhosas desta artista.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 214). É neste sentido que o jovem se coloca na esfera da cultura, ou seja, como possibilidade real de sua recriação e transformação da cultura. “Com este desígnio, ele se coloca na esfera da cultura; pois esta é a filha do conhecimento de si, e da insatisfação de si, de todo indivíduo.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 214).

A educação, para Nietzsche, tem suas consequências voltadas para a cultura: o sujeito que se transforma mediante o encontro com suas forças interiores, não fixam em desconstruir e reconstruir a si somente, mas reverbera seu objetivo de uma cultura elevada para além da sua individualidade. Segundo Nietzsche (2012b, p. 214), “[...] somente aquele que prendeu seu coração a algum grande homem recebe deste fato a *primeira consagração da cultura*.” A grandeza do mestre deverá levar o jovem a reparar suas falhas, incapacidade e mesquinhez, e reconhecer a indignidade na qual se encontra seu gênio. O efeito dessa primeira consagração, segundo Nietzsche, repercute exteriormente. Quando na posse da cultura elevada, a própria cultura faz almejar patamares mais elevados: “[...] a cultura, a hostilidade em relação às influências, aos hábitos, às leis, às instituições nas quais ele não reconheça seu objetivo: o engendramento do gênio.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 215).

A educação deve ter em vista a formação humana do gênio, o homem da busca pela elevação interior e elevação cultural. Faz necessário despertar o “[...] impulso obscuro”, a força interior sem a qual [...] para fins de uma natureza totalmente diferente, e conduzi-lo sobre

caminhos onde o objetivo supremo, o engendramento do gênio, não poderia jamais ser atingido.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 216).

É este o sentido pelo qual deverá zelar as instituições de ensino, segundo o pensamento nietzschiano. Ao denunciar o *egoísmo da ciência*, o egoísmo dos negociantes e o egoísmo do Estado, o pensador critica a postura de tais filisteus da cultura, pois colocam em segundo plano a educação do homem, o desenvolvimento de uma cultura elevada, cultura dos grandes homens. Privilegiando a formação de jovens medíocres e de cultura jornalística, e o endossamento de uma cultura subjugada a diversos interesses do Estado, da religião, do lucro e que se revelam em finalidade fúteis, exteriores e aparência. São essas ideias que permeiam a sociedade e os estabelecimentos de ensino alemães que Nietzsche pretende evidenciar.

Nesse sentido, Schopenhauer não é somente um educador exemplar por carregar consigo qualidades de grande homem. Ele é filósofo, que assim como os artistas, carregam a expressão da força obscura, da natureza sem amarras e com ímpeto. Os filósofos nutrem um conhecimento amplo do mundo e, diferentemente dos cientistas, não se debruçam sobre seu objeto de estudo somente mediados pelo impulso racionais, “impulsos pela verdade” que gera um conhecimento frio e cuja consequência é a satisfação do próprio ego do cientista e da ciência. Segundo Nietzsche (2012b, p. 229) “[...] eis a razão por que, em todas as épocas, os gênios e os eruditos se enfrentam. Estes últimos de fato querem matar, dissecar, compreender a natureza; os primeiros querem acrescentar à natureza uma nova natureza viva.”

Os filósofos e os artistas expressam a força da natureza, aquele impulso que inspira a redenção em meio a uma sociedade doentia e decadente. Segundo o pensador, “a natureza joga o filósofo como uma flecha no meio dos homens, ela não visa, mas espera que a flecha venha a se cravar em algum ponto. [...] O artista é, por outro lado, os conhecedores e os amantes de sua arte se conduzem uns com relação aos outros como uma peça grosseira de artilharia e uma nuvem de pardais.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 235). Os filósofos e os artistas, desse modo, representam a contradição no meio da cultura, pois eles usam da sua condição de expressão da força natural e devir para transformar a si e influenciar positivamente seu entorno.

O artista é a expressão forte da criatividade da natureza: “Segundo a vontade da natureza, o artista cria sua obra para o bem dos outros homens.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 235). Mais do que a obra em si, os artistas nos mostram qual postura devemos ter frente à vida: sempre de forma aberta com relação à vida como devir, mudança e transformação. Essa transformação deverá favorecer o homem de cultura elevada ao qual os estabelecimentos de ensino devem

estar à disposição. O artista, assim como o filósofo, reconhece a força da natureza que constrói e reconstrói, e não se conserva. E por reconhecer tamanha novidade muitas vezes não são aceitos na sociedade. Schopenhauer, além de educador, traz consigo tal característica filosófica.

Para Nietzsche, em se tratando da educação filosófica, Schopenhauer é modelo, pois ele carrega consigo o gênio filosófico: que é criativo, propositivo e aberto à transformação de si e, conseqüentemente, ao estabelecimento da cultura dos grandes homens. Schopenhauer é o modelo de pensador que soube unir o gênio filosófico em si, mas, também, conseguiu expressar tal gênio para fora de si: na medida em que fora inspiração para outros pensadores e artistas. O pensador em contato com o pensamento de outros não fez disso, segundo Nietzsche, uma reprodução de um saber qualquer, mas conseguiu fazer desse contato expressão de si. “Tudo o que ele se apropria depois (de jovem), da vida dos livros e de todos os domínios da ciência não foi absolutamente para ele senão cor e meio de expressão.” (NIETZSCHE, 2012b, p. 241). Schopenhauer expressa a unidade entre vida e obra.

A educação, assim como a filosofia, para Nietzsche, deve estar em conformidade com um projeto maior de humanidade. Os estabelecimentos de ensino, a ciência e o Estado, segundo Nietzsche, deveriam estar mais comprometidos em favorecer o fortalecimento de outra cultura: a cultura do homem livre, onde o gênio encontre meio de expressão, pois, assim, tem-se indivíduos nobres e uma civilização culturalmente forte. Ao pensar a vida como uma obra de arte, Nietzsche a concebe como possibilidade e não como totalidade fechada em que o homem nasce, vive e morre buscando fundamentar a existência em valores metafísicos. A existência é a arte do agora. É possibilidade de escolhas, novos rabiscos, outros empreendimentos e dos melhores rumos que se pode dar a ela. A reflexão nietzscheana é estética porque o homem é a obra a ser delineada e colorida por sua própria capacidade. Educar é dar as condições para que o jovem se aproprie de seus próprios meios e expresse sua melhor forma para outra cultura.

3.1. Nietzsche pensa a educação como colaboradora de outra cultura, a do “cultivo de si”

Nietzsche pensa a educação como colaboradora de outra cultura, a do “cultivo de si”, a qual Araujo (2011, p. 49) indica que essa nova proposta toma o “adestramento” em oposição à domesticação: educar seria fazer despertar o sentido para elevação da cultura, da possibilidade de criação. Sobre essa possibilidade de criação, Cheron & Perius (2012, p. 10) vislumbra o ensino de Filosofia pela arte do seguinte modo: “Isso justifica o fato de que o princípio que

caracteriza a estética não é o estudo do belo, da arte, como os estudantes imaginavam, mas uma forma de experiência que se adquire na vida através da sensibilidade que a própria atividade filosófica exercita, relança e reinterpreta.” Os autores pensam que o ensino poderá usar a arte para potencializar nos alunos esse olhar criativo sobre a Filosofia, sobre os valores, sobre a vida. Pensar uma educação do cultivo de si e, conseqüentemente, um ensino de Filosofia. Nesta perspectiva, torna-se necessário reconhecer que:

O primeiro movimento é aquele do ‘tornar-se o que se é’, do chegar a ser o que se é, lema de Píndaro levado ao superlativo na filosofia de Nietzsche. A esse movimento corresponde o que seria uma necessária genealogia de si no processo de educação filosófica. O segundo movimento, que se segue existencialmente ao anterior, liga-se ao tema do além-homem (*Über-mensch*) nietzschiano, é aquele em direção à autossuperação, a afirmação de uma singularidade criativa de si como experiência filosófica por excelência (ZUBEN & JÚNIOR, 2018, p. 13).

Esses movimentos referenciados pelos autores citados acima, significam que a pessoa deve voltar-se para si, num movimento que passa necessariamente pela genealogia do presente. Desse modo, o ensino de Filosofia deverá partir da própria realidade do aluno, para criar condições para que ele, a partir de um diagnóstico de sua cultura, passe para a percepção de si mesmo, “[...] e também criar as condições para um segundo movimento de afirmação criativa de si, momento que a singularidade própria de cada estudante pode se manifestar como aprendizagem para além de si, como superação de si.” (ZUBEN & JUNIOR, 2018, p. 13).

Esse tornar-se o que se é, é movimento importante para que o aluno problematize a sua condição no mundo. Com a genealogia de si mesmo é possível dar o primeiro passo para uma criação de uma cultura de si, ponto de partida para a formação filosófica. Nesse sentido, aquele que se conduz pela busca da superação de si próprio, busca superar a cultura de massa. O estudante de Filosofia se engaja pela afirmação de sua existência, pela procura de seu projeto de elevação da cultura, mas de uma cultura superior, uma cultura de indivíduos selecionados (ZUBEN & JÚNIOR, 2018, p. 16).

Desse modo, uma cultura que não seja a cultura de massa, deverá privilegiar a potência criadora presente em cada indivíduo. É, pois, importante retomarmos um conceito já mencionado anteriormente, central no pensamento nietzschiano, a saber: o conceito de “vontade de potência”. Segundo Dias (2011), a vontade de potência é o mais forte de todos os impulsos, aquele que até hoje dirige toda evolução orgânica. A vontade de potência é a força encarregada de mover a vida, sempre e de novo, num movimento criativo, que sempre se recria, um eterno superar-se (ZUBEN & JÚNIOR, 2018).

Por conseguinte, por constituir-se como um elemento que conduz a atividade criadora, que possibilita o homem alcançar voos criativos é que ela torna para o pensamento nietzschiano o elo capaz de unir a vida, o pensamento e a arte. Segundo Dias (2011, p. 56):

[...] A arte é essencialmente afirmação, divinização da existência. Nietzsche valoriza os impulsos estéticos como condição de criação de novas condições de existência. Depois que a tradição europeia negou a vida em nome de valores ditos superiores, só resta proclamar a “potência criadora” como padrão de uma vida sã e forte: ‘A arte e nada mais do que a arte! Ela é a grande possibilitadora de vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida.

A arte é condição para afirmação da vida, porque para Nietzsche ela é capaz de possibilitar que, através dos seus impulsos estéticos, pensemos outros modos de vida, novas condições de existência. E assim o homem passa a ser capaz de constituir-se a partir de outros parâmetros não somente pautado na racionalidade, tal como firmou a tradição filosófica durante séculos. Em que se concebeu o homem segundo uma separação arbitrária, conforme uma dualidade: em que a razão é posta num pedestal fundamentado pela metafísica, enquanto que as sensações ou impulsos inerentes à pessoa humana são relegados à submissão repressora que acaba por ditar o que é moral e o que é virtude (ZUNBEN & JÚNIOR, 2011). Como se a pessoa humana não fosse um todo orgânico, em que corpo e razão devem conviver e fazer o homem livre, desde que este compreenda-se como ser ativo e responsável por esse processo.

Desse modo, o indivíduo é convidado a encarar a vida como ela realmente é: movimento e devir, que cria, recria e desconstrói. Isso é compreender a vida como vontade de potência, em que a vida se afirma como vontade de criar, como forma artística. Segundo Zuben & Júnior (2018, p. 21), “[...] vontade como força artística, na perspectiva nietzschiana, é vontade criadora na medida em que é atividade criadora. Sobretudo, a arte é o que estimula, é o estimulante que impulsiona a vida como vontade criadora.”

Esse movimento que se constitui pela busca de “torna-se o que se é”, e o movimento da “vontade criadora” que se configura no âmbito da “autosuperação de si”: experiência pela qual o indivíduo busca afirmar-se criativamente na existência, que significa, também, está exercendo uma atividade filosófica significativamente (Zuben & Júnior, 2018). Dessa maneira, o ensino de Filosofia deverá desenvolver as potencialidades dos educandos. Potencialidade de reconhecerem a si mesmos, reconhecerem os pressupostos fundamentais de sua própria cultura, que os impedem de exercerem livremente sua potencialidade criadora. Segundo Zuben & Júnior (2018, p. 22): “Nesse ponto, a noção de além-homem e a ideia de autossuperação nietzschiana constituem-se como ancoragem necessária para pensar a aprendizagem filosófica, que

estruturam esse segundo movimento inerente às práticas filosóficas.” Significa, portanto, estabelecer condições para que cada indivíduo desenvolva suas potencialidades, que os tornem pessoas livres, críticas quanto aos valores castradores e desejosos de uma cultura perene. Uma cultura capaz de dar conta da dinamicidade do ato de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo educacional é complexo e nele observam-se muitas contradições e disputas ideológicas e políticas. Nos últimos anos, principalmente dos governos de Fernando Henrique Cardoso para os dias atuais, tem-se percebido o estabelecimento de políticas educacionais com forte viés neoliberal, em que o Estado assume o papel de avaliador e regulador, apostando no controle dos resultados, por meio da crescente sistematização das atividades escolares, afetando o planejamento, o currículo, a gestão e o trabalho docente.

Com base nos estudos de Ball (2014), Vieira (2004) entre outros, é possível afirmar que o campo educacional vem sendo disputado pelos mais diferentes discursos, seja o que defende a formação de mão de obra para o mercado; seja o da manutenção do processo de governança no qual o ensino deverá contribuir para a diminuição de situações de pobreza promovidas pelas próprias ações excludentes do capital. Em que se exige da educação uma resposta às demandas criadas na seara do mercado globalizado, da comunicação e da informação. Trata-se de se pensar a educação como política de governo e de dominação, muito mais do que concebê-la segundo aspectos mais amplos em que se entenda o ser humano como uma totalidade para além dos pressupostos impostos por fatores econômicos.

Neste sentido, é possível percebermos a atualidade do pensamento nietzschiano quando denuncia a educação dos estabelecimentos de ensino de seu tempo. Passados quase dois séculos, o pensamento do filósofo alemão ainda é capaz de fazer refletir sobre o tipo e a qualidade educacional que é ofertada nas escolas e universidade na atualidade. Ele, assim, nos remete inevitavelmente às discussões sobre educação, sobre o que devemos esperar dela: se devemos educar para o mercado, à serviço das políticas educacionais do Estado, ou se devemos, pelo contrário, nos preocupar em formar homens e mulheres livres, capazes de autoformação e reflexão, protagonistas e desejosos de construção de uma sociedade mais elevada e melhor.

Para Nietzsche, educar não consiste em apenas gestos mecânicos, muito menos diz respeito apenas a estratégias meticulosamente calculadas (passo a passo). Educar é ato em que os melhores (mestres) devem oferecer o que se tem de mais qualitativo, tendo em vista o mais significativo: a capacidade de autopertencimento, de autodescobrimento e autorrealização (LARROSA, 2009).

Caberá ao professor de Filosofia compreender, com Nietzsche, que o ensino se torna fecundo quando seu objetivo está para além da apropriação dos conteúdos da disciplina. E

compreender que a tradição filosófica é importante na medida em que pode oferecer instrumentos para que o aluno expresse seus próprios pensamentos, questionamentos e explicações para o mundo que o cerca. Porque, assim, ele não apenas cria sua própria reflexão, mas ao mesmo tempo que pensa suas questões e escolhe seus problemas filosóficos de interesse, ao redescobri-los, também se reinventa, pois o pensamento em sala de aula não deveria/deverá estar dissociado da vida mesma dos estudantes.

Nietzsche nos oferece uma contribuição fundamental ao fazer refletir sobre o papel da educação, assim como nos indica sobre o caráter da disciplina Filosofia na Educação Básica. Ao questionar o servilismo educacional ao Estado (à cultura tecnicista e profissionalizante), podemos nos perguntar também sobre qual saber filosófico temos privilegiado dentro de nossas salas de aula: ele é reprodutor de modelos prontos, acabados ou busca oportunizar a criação de si como expressão desse saber filosófico ensinado?

Com Nietzsche não anulamos as escolhas metodológicas de outros profissionais da educação, apenas reafirmamos e reverberamos a voz do pensador que é sensível aos muitos desafios educacionais de nossa atualidade.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Lucas Giovan Gomes. Nietzsche professor: por um ensino de filosofia potencializador. **Refilo – Revista Digital de Ensino de Filosofia.**, vol.3 n.2 – jul./dez. 2017.

ALMEIDA, Jefferson Pereira de. **Friedrich Nietzsche**: a justificação estética da existência e a reatualização do *ethos* da modernidade. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ARAUJO, Thalles A. de. A análise nietzschiana da cultura moderna: crítica aos valores morais e à educação erudita. **Revista de Filosofia Argumentos**, Fortaleza, vol. 3, n. 5, p. 42-50, 2011.

ARALDI, Claudemir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, SP, Vol.22, n.5, p. 75 – 94, mai. 1998.

BALL, Stephen J. **Educação Global S. A.**: novas redes de políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: UEPG, 2014.

CHERON, Geraldo Luiz; PERIUS, Cristiano. **O conceito de estética como afirmação da existência**. In: Professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uem_filo_artigo_geraldo_luiz_cheron.pdf >> Acesso em: 10 de jun. 2018.

CHIES, Andréia Bonho Borba. **Nietzsche e a educação**: por um ensino de filosofia que potencialize a potencialização do educando. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Filosofia e Educação. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

DANELON, Márcio. Para um ensino de filosofia do caos e da força: uma leitura à luz da filosofia nietzschiana. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 345-358, set./dez. 2004.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Organização Evandro Nascimento. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **Nietzsche Educador**. São Paulo, SP: Editora Scipione, 1991.

GIACÓIA JR., Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000. (Folha explica)

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução de Ana Maria Bernardo. Alfragide: Texto Editores, 2010.

JURASKI, Vanderlei Cristiano. O projeto educacional em Nietzsche: reflexões sobre a educação na Alemanha do século XIX. **Perspectiva**, Erechim. vol.36, n.136, p.51-60, dezembro/2012.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTINS, Jasson da Silva. A estética da expressividade em Nietzsche. **Revista Ítaca**, Rio de Janeiro, vol. n. 18, p. 89 – 108, mar, 2011.

MOURA, Carlos. A. R. **Nietzsche: civilização e cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NASSER, Eduardo. O destino do gênio e o gênio enquanto destino: o problema do gênio no jovem Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, SP, Vol. 30, n., p. 51 – 60, mai. 2012

NIETZSCHE. **Assim Falou Zaratustra** – livro para todos e para ninguém. Tradução de Mario da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Cia das letras, 2004.

_____. Considerações extemporâneas. In: **Obras incompletas**. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1983.

_____. **Genealogia da moral**: uma polêmica. (Tradução de Paulo César de Sousa) São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____. **O nascimento da tragédia**, ou Helenismo e pessimismo. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. In.: **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio, 2012a.

_____. Considerações extemporâneas: Schopenhauer educador. In.: **Escritos sobre educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio, 2012b.

_____. **Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral**. Tradução: Torres Filho, R. In: Antologia de Textos Filosóficos. Marçal, J. (org.), SEED, Paraná, 2009 (p. 530-541).

VIEIRA, J. S. **Um negócio chamado educação**: qualidade total, trabalho docente e identidade. Pelotas: Seiva, 2004.

ZUBEN, Marcos de Camargo Von. JÚNIOR, Antônio Batista Soares. Apontamentos sobre uma metodologia nietzschiana para o ensino médio. **Problemata: R. Intern. Fil.** v. 9. n. 3, p. 12 – 25, 2018.

ZUBEN, Marcos de Camargo Von. MEDEIROS, Rodolfo Rodrigues. Nietzsche e a educação: autonomia, cultura e transformação. **Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia**, Caicó-RN, ano VI, n. 1, p. 71-93, jan.-jun. 2013.